



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**Verão entre focos: práticas e espaços em disputa
na beira da praia do Cassino - RS**

Thiago Silva de Souza

Méri Rosane Santos da Silva

Rio Grande
2013

Thiago Silva de Souza

**Verão entre focos: práticas e espaços em disputa na beira da praia do
Cassino – RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde, Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^a Dr^a Méri Rosane Santos da Silva

Rio Grande

2013

Dedico esse trabalho aos meus pais (Dinarte e Eliana) e a minha tia (Jussara), personagens importantíssimos em minha trajetória escolar (incluo aqui a universidade), em vista, sobretudo, ao incentivo e as condições para estudar potencializadas ao lado de vocês.

Agradecimentos

À Méri, minha orientadora, visto a possibilidade de cursar o mestrado em um programa cuja as vozes se multiplicam nos Seminários de orientação do grupo. E aqui, estendo os agradecimentos aos meus colegas de orientação: Felipão, Francine, Arísson, Gustavo, Josi, Rose, Alessandra, Indira, Mahinã e ao Bruno e Abib colegas de PPGEC.

Aos professores banca do meu trabalho, pelas considerações e amizade: Rigo, desde a graduação e ao Damico, fiel as reuniões de quinta-feira.

Ao Gustavo, em vista a possibilidade de cursar o Estágio Docente do mestrado na disciplina de Esportes Aquáticos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da FURG, em especial, a Glenda, por sua excelência nas interlocuções das normas do programa comigo, mestrando.

A CAPES, pela bolsa, importante ainda que tenha vindo 3 meses após o início do curso, por isso, estendo os agradecimentos a bolsa REUNE, a qual apesar de criar demandas que pesaram pelas exigências paralelas a pesquisa, foi importante na aquisição de equipamentos úteis a essa investigação.

Ao meu irmão Diego, pelas traduções e, ao Matheus e a Lola pela alegria de me tornar tio do Gabriel.

A Maricóta, minha avó, pela receptividade em sua moradia, lugar importante de leituras, muitas vezes.

Aos meus amigos, por aceitarem em vista a essa tarefa de pesquisa minhas justificativas de ausências em aniversários, jantãs, festas, sessões de surf, viagens...(um salve ao Juan, Liz, Danilo, Luf, Amarildo, Barata, Velha, Edinho, Lili, Dudu, ktibiri, Alemão, Grilo, Carão, Sabrina, Buza, Carla, Bibi)

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi mapear as práticas corporais e espaços em disputas que acontecem à beira mar da praia do Cassino, localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nesse sentido, partindo de uma intervenção inicial no interior do bairro-balneário Cassino, dois pontos emergiram para análise do espaço da orla: o primeiro, relacionado à zona da praia; e, o segundo, referente às disputas geradas pelas demarcações dos lugares onde aconteciam as práticas. Esses movimentos fizeram-me indagar: como mapear as disputas entre práticas e espaços na orla do Cassino, cuja principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares? Cabe ressaltar que esse problema investigativo foi potencializado por pistas advindas de uma aproximação ao aporte teórico-metodológico foucautiano, que, por sua vez, tornou possível o delineamento de algumas estratégias efetivadas no solo investigativo e, respectivamente, postas em jogo no exercício de problematização dos próprios procedimentos investigativos adotados. Cito, nessa esteira, a refutação a dois pontos: 1) o determinismo/centralidade das estruturas arquitetônicas como demarcações fixas em detrimento ao que nelas ocorre; 2) a classificação/categorização das práticas, em vista às conexões possibilitadas pelos próprios enfrentamentos por elas efetuados. O destaque a esses dois traçados está ligado à produtividade de, com eles, pensar a área de concentração a que essa pesquisa foi empreendida, isto é, a Educação em Ciências. Primeiramente, por possibilitarem a suspeita (potente para que aja produção do conhecimento) de que a ciência não se faz apenas com a demarcação fixa de “um” método, “uma” teoria, em uma relação de independência ao contexto cultural através da (pré)determinação e aplicação teórico-metodológica, já que, estrategicamente, através de delineamentos próprios, foram as demarcações moventes ligadas às disputas entre o conjunto de práticas e espaços que constituíram o suporte aos discursos aqui analisados. Dito de outra maneira, essas demarcações móveis, em seus entrelaçamentos com a conjuntura local e a própria prática de pesquisa, tornam-se eficazes para pensarmos a Educação em Ciências, em uma perspectiva que, ao desconfiar de conteúdos pré-determinados, produz conteúdos em sintonia a um conjunto cultural ligado a contextos locais (nesse estudo, o Cassino). Nesse sentido, são as disputas entendidas enquanto relações de poder efetivadas na beira mar da Praia do Cassino – RS que dão força ao ato de pensar as demarcações moventes enquanto conteúdos eficazes a Educação em Ciências, especialmente, pelo caráter móvel que constituem a própria teoria, ao mesmo tempo, produzida e produtora pela/da prática acadêmica aqui apresentada, em sintonia, cabe ressaltar, ao próprio espaço da orla, na qual as práticas e espaços são constituídos e constituintes pelas/das ocupações a ela efetuadas. Em termos de conexão com a linha de pesquisa do PPGECC em que esse trabalho foi realizado, a orla do Cassino surge como uma instância interessante ao diagnóstico das “práticas sociais processadas” no interior de suas margens, em vista a compreensão de “como os discursos e as práticas atuam na produção de 'verdades' e de sujeitos”. Para esse diagnóstico, a “prancha de bordo” inicialmente inspirada no surf, foi potente não apenas na produção dos dados referentes às coisas mapeadas no Cassino, como também, ao próprio plano acadêmico das noções que deram suporte a sua constituição através de ferramentas, como as fotografias, os mapas e as escritas que a delinearão. Como conclusão do estudo, destaca-se a impossibilidade de delimitação muito clara sobre lugares para a realização de práticas que acontecem no Cassino, ao mesmo tempo em que essas buscas por delimitação, imbricadas às disputas entre as práticas e espaços, também possibilitam a constante elaboração de diferentes modos de pensar o tempo, o espaço e os sujeitos.

Palavras-chave: Disputa de espaço e práticas; Produção de subjetividades; Praia do Cassino

ABSTRACT

The objective of this research was to map the body practices and spaces in disputes that happen at Seafont Beach Cassino, located in the southern state of Rio Grande do Sul, Brazil. In this sense, from an initial intervention within the neighborhood- balneario Cassino, two points emerged for the analysis of the waterfront space: the first, related to the beach area, and the second relating to the disputes generated by the boundaries of the places where the practices happen. These movements made me wonder: how to map the disputes between practices and spaces at the edge of Cassino, whose main characteristic is the moving boundaries of relationships that dictate the landscapes of their seats? Note that this problem is augmented by investigative clues arising from an approximation to the theoretical and methodological contribution Foucaultian, which, in turn, made possible the design of some investigative strategies executed in the field and, respectively, brought into play in the exercise of questioning of its own investigative procedures adopted. I quote, that treadmill, the rebuttal to two points: 1) determinism / centrality of architectural structures as fixed demarcations at the expense of what occurs in them, 2) the classification / categorization of practices, in order to have the connections made possible by clashes made by their own. The highlight of these two paths is linked to productivity, with them, thinking the area of concentration at which this research was undertaken, ie the Science Education. First, since they offer the suspicion (acting potent for knowledge production) that science is not only made with the fixed demarcation of “a” method, “a” theory, in a relationship of independence through the cultural context (pre) determination and theoretical-methodological application, since strategically through its own designs, were the moving boundaries linked to disputes between the practices and spaces that constituted the support discourses analyzed here. Put another way, these mobile demarcations in their entanglements with the local environment and own research practice, become effective to think Science Education, in a perspective that the suspect predetermined content, produces content in line with a cultural assembly connected to local contexts (in this study, the Cassino). In this sense, the disputes are understood as power relationships that affect the seaside Beach Cassino - RS which give strength to the act of thinking about moving boundaries while effective content Education in Science, especially by mobile character that constitute the theory itself, the same time, and produced by producer / academic practice presented here, in line, it is worth noting, the very edge of space, in which the practices and spaces are constituted by and constituents occupations made here. In terms of connecting to the line of research of PPGEC where this work was performed, the waterfront Cassino emerges as an interesting diagnosis of “social practices processed” within its banks instance, in order to understand “how discourses and practical work in the production of 'truths' and subjects”. For this diagnosis, “plank board” initially inspired by the surf was powerful not only in the production of data on things mapped in the Cassino, but also the academic plan itself from notions that supported its creation through tools such as photographs, maps and writings that were outlined. As a conclusion of the study, there is the impossibility of clear demarcation on places to conduct practices that take place at the Cassino, while these searches for demarcation disputes between the intertwined practices and spaces also allow the constant development of different ways of thinking about time, space and subject.

Keywords : Dispute space and practices ; production of subjectivities ; Cassino Beach

Lista de Imagens

Imagem 1: Rampa BMX.....	21
Imagem 2: Bicicross e Ciclovía.....	22
Imagem 3: Ciclovía.....	24
Imagem 4: Rua do Riacho.....	25
Imagem 5: Rua do Riacho.....	26
Imagem 6: Área demarcada na orla para o trânsito de veículos.....	28
Imagem 7: Demarcação “barra forte” na orla.....	32
Imagem 8: Demarcação “barra forte” na orla.....	33
Imagem 9: Demarcação “barra forte” na orla.....	34
Imagem 10: Demarcação Sand Up Padley na orla.....	35
Imagem 11: Demarcação Futebol na orla.....	36
Imagem 12: Demarcação Futebol na orla.....	37
Imagem 13: Demarcação Petisca na orla.....	38
Imagem 14: Demarcação Bocha na orla.....	38
Imagem 15: Demarcação Frescobol na orla.....	40
Imagem 16: Demarcação Pesca no Molhe Oeste.....	41
Imagem 17: Demarcação Pesca na orla.....	44
Imagem 18: Demarcação Pesca na orla.....	44
Imagem 19: Demarcação Surf e Esportes Náuticos.....	46

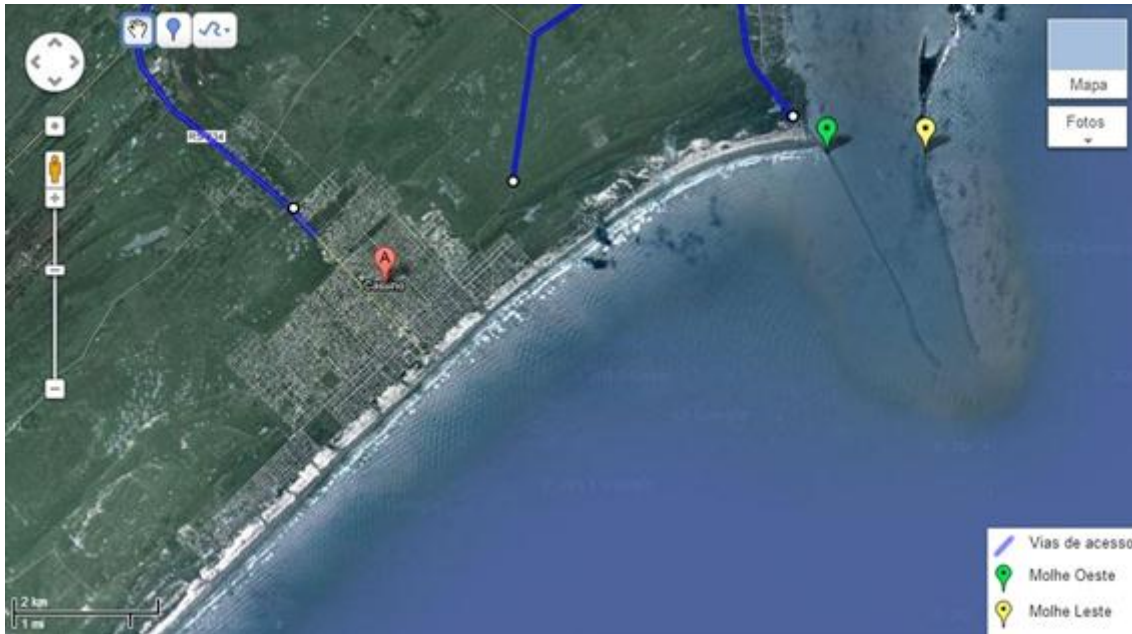
Lista de Mapas

Mapa 1: Estradas de acesso ao Cassino.....	10
Mapa 2: Práticas Mapeadas no Bairro-Balneário Cassino.....	16
Mapa 3: Disputas na Praça Didio Duhá.....	16
Mapa 4: Calçadas Avenida Rio Grande.....	18
Mapa 5: Práticas, espaços e fluxo de bicicletas.....	24
Mapa 6: Área mapeada na beira da praia do Cassino.....	27
Mapa 7: Zona mapeada próxima ao antigo Terminal Turístico.....	32
Mapa 8: Zona em disputa no Molhe Oeste entre pescadores e velejadores.....	43

Sumário

1. Apresentação.....	10
2. Seguindo algumas pistas.....	13
3. Partiu pra praia: práticas e espaços em disputa na orla do Cassino..	27
4. Do surfista aos modos de produção a beira.....	47
5. Que venham outros olhares.....	71
6. Referências.....	74

Apresentação



Mapa 1: Produzido através do Google Maps. Abril de 2013. Prancha de bordo.

O mapa acima, produzido através do *Google Maps*, mostra a disposição geográfica da Praia do Cassino – RS, a qual em termos de apresentação pode ser descrita a partir da extremidade norte (Molhes da Barra¹), estendendo-se ao sul, através de uma faixa de areia fina, ao longo de 254 quilômetros. Nessa esteira, o Cassino também é conhecido como “a maior praia do mundo” (GUINNESS BOOK, 1994) da América do Sul.

O balneário Cassino – que, do ponto de vista administrativo, é um bairro do município de Rio Grande – localiza-se a 321 quilômetros ao sul da capital gaúcha, Porto Alegre. O principal trajeto entre o Cassino e o centro de Rio Grande é feito pela rodovia RS-734, num deslocamento de 18 quilômetros. As outras duas estradas ligadas ao balneário podem ser caracterizadas como via de acesso ao porto e às indústrias navais em expansão em Rio Grande.

¹ É uma obra marítima de engenharia hidráulica, construídas no início do século XX, que se constitui por duas estruturas de pedra, edificadas a fim de possibilitar a entrada de navios ao Porto de Rio Grande.

Cabe ressaltar que, os olhares lançados ao Cassino nessa investigação sucederam as análises empreendidas em meu trabalho de Conclusão de curso (TCC), nas graduações em Educação Física, em que apresentava o surf como temática principal. Naqueles trabalhos, alguns lugares do Cassino surgiam, através das memórias dos surfistas do Cassino do final da década de 80 e início de 90, como cenário de suas investidas em prol a realização do surf.

Nessa esteira, ressalto que nesse trabalho o Cassino surge como uma extensão dos TCC, suas diferentes paisagens tomam a cena e, o surf enquanto uma prática que lá acontece, divide os enfoques com outras práticas ou, especificamente, com as disputas que elas produzem frente os espaços daquele bairro-balneário. Nesse sentido, logo em um mapeamento inicial no interior da zona urbana do Cassino, atrelado a processualidade assumida durante o exercício de mapear, dois pontos emergiram como delimitadores do espaço à beira mar para as análises desse estudo: o primeiro relacionado ao recorte da zona mapeada na praia e, o segundo, referente às disputas geradas pelas demarcações dos lugares onde aconteciam as práticas.

Para tanto, algumas perguntas se faziam emergentes: que práticas constituem as disputas na beira da praia? Como e quando essas disputas ocorrem durante as ocupações da orla durante o veraneio? E, diante delas, delimitei o seguinte objetivo: mapear as práticas e os espaços frente as disputa que acontecem à beira mar da praia do Cassino.

Nessa esteira, outros questionamentos que, após o mapeamento geográfico serviam de fio condutor as análises, faziam-se emergente também nesse espaço de conexão entre a zona urbana e a zona balnear e, correspondia à demasiada preocupação com as arquiteturas de lugares em detrimento das relações efetivadas pelas práticas nesses lugares. Ou seja, como mapear as práticas e espaços em disputas na orla do Cassino cuja a principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares? Esse ponto, ao emergir, forçava-me questionar também os próprios procedimentos que utilizava, colocando-me em meio a uma rede produtiva em que as demarcações moventes das relações de disputa entre as práticas e espaço na praia, colocava em movimento a própria constituição metodológica desse estudo a partir de estratégias efetivadas durante a pesquisa.

Por fim, saliento que o trabalho será apresentado através de quatro partes com seus respectivos subtítulos, são eles: “*Seguindo algumas pistas*”, no qual apresentarei o mapeamento na zona urbana e as respectivas conexões até a zona balnear; “*Partiu pra praia: práticas e espaços em disputa na orla do Cassino*” em que serão apresentadas algumas práticas e espaços em disputa mapeados durante o veraneio 2011/2012 e 2012/2013 na beira daquela praia gaúcha; “*Do surfista aos modos de produção a beira mar*”, no qual são feitas as análises dos dados produzidos a partir do interior das relações travadas na beira da praia e, nessa esteira, aponto para demarcações que, sob a ótica das disputas tornam as práticas e espaço produtivas ao mapeamento do Cassino através dos respectivos delineamentos estratégicos do estudo; Por último, “*Que venham outros olhares*”, no qual apresento conclusões e lanço algumas possibilidades de recortes para novos estudos.

Seguindo algumas pistas

Inicialmente destaco que, lançar olhares ao Cassino nessa investigação foi impulsionado por minha condição de professor de Educação Física² e à relação que estabeleço com o surf naquela praia. Por outras palavras, destaco que essa articulação entre surf, Cassino e Educação Física foi construída a partir de escolhas feitas até o encadeamento dessas temáticas no presente trabalho, como, por exemplo, os desvios de muitas sessões de surf no Cassino em vista das aulas, dos estágios, dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), os quais me envolviam enquanto graduando daquele curso.

Portanto, diferente de me fazer romper com aquela prática, estes investimentos acadêmicos, aos poucos, foram criando outros sentidos, principalmente, nos momentos em que incorporava o surf em diferentes espaços que me constituíram professor. Entre os trabalhos mais significativos, cito a compilação dos meus TCC apresentada sob o título *Partiu pro surf: Memórias e Amizades na Praia do Cassino – RS*. Ao analisar as memórias dos surfistas “cassineiros” do final da década de 70 e início da década de 80, identificava o quão potente se tornava a praia para o fomento não apenas do “surf em si”, visto que diante da tarefa começava a identificar pistas sobre a existência de outras práticas possíveis de serem discutidas, a partir de suas realizações naquele espaço.

O interesse em sistematizar um estudo a esse respeito me fez elaborar um novo objetivo investigativo com o qual ingressei no ‘Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde’ (PPGEC), isto é: mapear, nesse plano delimitado pelo espaço da Praia do Cassino, quem são os sujeitos que habitam a praia, quando e como ela é habitada, que coisas, ligadas à Educação Física (EF), ali ocorrem contemporaneamente. No entanto, ao penetrar no campo de pesquisa e observando a variedade de práticas que aconteciam no Cassino, algumas indagações movimentavam o contexto investigativo que experimentava, provocando alguns ajustamentos nesses objetivos, inicialmente, através das seguintes perguntas: o que devo considerar como o espaço da praia a ser mapeado? Como delimitá-la, visto a extensão que lhe confere o

² Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas.

título de “maior do mundo” extrapola os limites urbano do bairro-balneário, o qual potencializa as ocupações a ela?

Essas perguntas, por sua vez, tiveram efeito no próprio processo de mapeamento que iniciava no veraneio de 2011/2012, especificamente, através de incursões na zona urbana daquele bairro-balneário, o que por sua vez fazia-me colocar em funcionamento aquilo que chamei de “prancha de bordo”. Portanto, cabe ressaltar que a prancha aqui, ainda que inspirada no equipamento que utilizo para a prática do surf, ganha traços inventivos ao constituir-se como um bloco de compilação dos registros (escritos e imagéticos) produzidos como dados investigativos³.

Por outras palavras, os bordos com essa prancha foram se constituindo por um vai e vem à praia, através de sucessivas pedaladas nas ruas, avenidas, orla e no Molhe Oeste, situado na extremidade norte da praia do Cassino. A bicicleta que habitualmente utilizo em meus deslocamentos à praia e, na própria zona do bairro-balneário, por exemplo, nas idas ao mercado, na visita aos amigos e familiares, ganhou, nos verões de 2011/2012 e 2012/2013, outra atribuição, isto é, meio de deslocamento para a produção dos registros investigativos.

Nesse sentido, frente à sistematização desse material fui, aos poucos, produzindo alguns textos, ora, com o auxílio do *Google Maps* através do qual, como mostrei anteriormente, busquei contextualizar geograficamente as tramas que capturavam meu olhar durante o mapeamento, delineados por uma escrita produzida através da justaposição de palavras e imagens. A “prancha de bordo” aqui, no decorrer do percurso, fazia-me identificar sintonia com as experimentações do escritor William Burroughs (1989), com seu “álbum de recorte”⁴: “estou andando por uma rua e de repente vejo uma cena do meu livro, fotografo-a e coloco-a num álbum de recortes” (1989, p. 139).

Com essas pedaladas pelo interior do bairro-balneário, observava a dinâmica de diferentes práticas, em distintos lugares do Cassino, com uma caneta e papel, nesse

³ Utilizo esse termo a partir de um diálogo com Kastrup, quando essa autora o distingue de uma “política cognitiva realista”, usualmente direcionada à etapa inicial da pesquisa, denominada “coleta de dados”. Nesse estudo, os “dados produzidos” são tomados como uma invenção, “como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é outro tipo de política, que denominamos construtivista” (KASTRUP, 2009, p. 34).

⁴ Ao falar da produção desses álbuns, Burroughs (1989) discorre sobre o procedimento que chama de *Cut Up*, o qual, segundo ele, consiste “na justaposição de materiais diversos numa nova estrutura que altera o significado de cada um deles, em função do novo contexto” (1988, p.134).

contexto, fazia anotações relativas ao funcionamento das práticas, bem como apresento no fragmento abaixo:

Futebol de campo

Campo do “Marysol” – Na Avenida Atlântica entre as ruas Herval do Sul e Piratini

- *Em torno das 17h 30min. e 18h chegam os jogadores;*
- *Nos arredores do campo circula uma folha de papel que deve ser assinada pelos jogadores a fim de confirmar sua vontade de jogar;*
- *Os jogos iniciam no momento em que se formam dois times com 11 jogadores cada um;*
- *A regra para o término da partida é dois gols marcados por um mesmo time ou trinta minutos cronológicos; (o time que marcar dois gols permanece em campo, caso se encerre os trinta minutos com o jogo empatado, as próximas partidas dependem da quantidade de jogadores que assinaram a lista, na maioria das vezes, sai os dois times e entram outros dois times);*
- *os jogos são realizados por homens com distintas idades (o jogador tem que ser competitivo e “chegar junto”);*
- *os jogadores se deslocam de diversas localidades do Cassino, os que moram ou veraneiam nas ruas aos arredores do campo chegam a pé, aqueles que vêm de lugares mais afastados chegam de bicicleta (deixadas enquanto jogam atrás das goleiras), carros e motos (estacionadas na Avenida Atlântica).*
- *Nesse veraneio uma aglutinação maior acontece nos finais de semana.(Prancha de bordo, dez. 2011)*

Seguindo essa linha de registros, em que a centralidade girava em torno dos horários, das estratégias e regras de participação, bem como a frequência com que aconteciam as práticas em determinados espaços, fui, aos poucos, compilando diferentes materiais que variavam entre trechos escritos e fotografias. No entanto, logo na produção de um primeiro mapa com o qual buscava localizar geograficamente onde aconteciam as práticas, percebi alguns entraves relacionados à localização espacial do mapeamento, especificamente, frente à Praça Dídio Duhá e à dinâmica de funcionamento das quatro práticas realizadas nas diferentes quadras edificadas em seu interior.



Mapa 2: Produzido através do Google Maps. Abril, 2013. Prancha de bordo.

*Trechos retirados da “prancha de bordo”
(verão de 2011/2012).*

✓ *As quatro modalidades elencadas abaixo foram observadas acontecendo na Praça Didio Duhá, a qual tem seus arredores circunscritos entre as ruas Rio de Janeiro, Oswaldo Cruz, Montevideu e Alfredo Rodrigues (ver imagem de satélite ao lado editada no programa GOOGLE Maps)*



Skate

- *entre as quadras é possível observar estruturas de madeira, que são utilizadas pelos skatistas para a execução de manobras; (segundo alguns skatistas muitas estruturas foram retiradas, no início da temporada de 2012, por funcionários da ‘Secretaria especial do Cassino’); no verão, é comum visualizar skatistas na praça, a partir das 18h;*

- *na praça, no período em que acontece o “Cassinão de Futsal”, os skatistas utilizam a*

Futsal

[...] ocupada por praticantes de futsal, do skate e do BMX, diariamente, a partir das 17h:30minutos/18h;

[...] por vezes, observa-se jogos de futsal acontecerem em uma metade da quadra e a outra é utilizada por praticantes de skate e BMX;

[...] Realizou-se durante os dias 27 de dezembro a 20 de janeiro desse verão, o Campeonato do Cassino de futsal (Cassinão de Futsal). Esse campeonato constitui-se como prioridade naquela quadra, interrompendo os

metade da quadra de basquete;

- após o término dos jogos do campeonato os skatistas voltam a ocupar o espaço da quadra de futsal (00h, 1h é comum visualizar alguns skatistas no local);

- segundo o relato de um skatista, outros espaços que são utilizados para a prática do skate no Cassino, como as calçadas de alguns estabelecimentos. No entanto, os praticantes relataram que fora da “canchinha” (Praça Didio Duhá) são advertidos pela polícia ou pelos proprietários e moradores dos arredores dos seguintes espaços: calçada do Otero, do POOL BAR e do Guanabara; durante a montagem da estrutura das bancas referentes à 39ª edição da Feira do Livro, promovida pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) naquele espaço, alguns praticantes de skates e BMX, utilizavam as tábuas de madeira e vigas de ferro como obstáculo para manobras das respectivas modalidades.



[...] a prática do BMX acontece geralmente junto a do skate;

[...] alguns meninos praticam tanto o skate como BMX;

[...] por vezes, os skates são utilizados como obstáculos para manobras de salto dos praticantes do BMX;

[...] Fora da “canchinha”, outros espaços que realizam o BMX são na Calçada da SAC, além dos lugares que ocupam junto aos skatistas (Otero, PoolBar, Guanabara).

Ao indagar sobre uma Pista de BMX na Avenida Atlântica ao grupo que praticava o BMX na praça, um menino comentou que o lugar mencionado era para campeonatos da BMX, mas que aos domingos se juntava ao grupo que lá treinava.

jogos não vinculados a sua organização, fazendo, portanto, os praticantes do skate e BMX migrarem para outros espaços (com chão de asfalto ou cimento), propícios ao deslize de seus equipamentos.

[...] a ocupação relativa àquele campeonato, extrapola os limites da quadra a partir das semi-finais, visto que o número de expectadores aumenta em relação às fases anteriores;

[...] em dias que não acontecem jogos do campeonato é possível visualizar o acontecer do futsal, do skate e do BMX no turno da noite (das 20h às 1h é o horário de maior movimento);

[...] nos dias que acontece o campeonato a rotina de ocupações e horários observados são interrompidos entre as 20h e 00h. Antes e depois desse período o local volta a ser ocupado pelos praticantes de futsal, do skate e do BMX.



[...] também acontece partidas de duplas e trios em uma das cestas da quadra de basquete na Praça Didio Duhá, a partir das 18h;

[...] em outros horários é possível visualizar praticantes solitários, arremessando a bola em uma das cestas;

[...] para a realização de jogos na quadra inteira, observamos duas condições: a) número suficiente de praticantes para a composição de dois times; b) negociação com os praticantes do skate e do BMX nos dias que são realizados o “Cassinão de Futsal”;

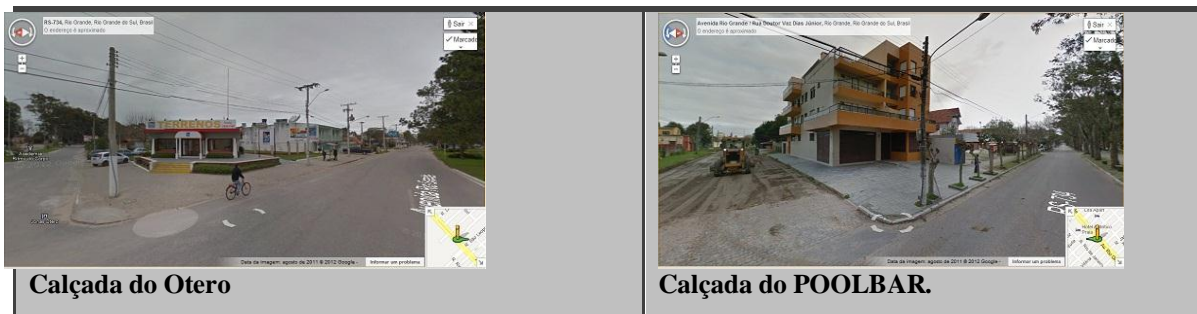
Mapa 3: Produzido através dos registros escritos e Google Maps. Out, 2012. Prancha de bordo.

Seguindo as pistas deixadas por aqueles que andam de skate e BMX, não eram suas “práticas em si” que me chamavam atenção e sim os tensionamentos que provocavam pelo uso de diferentes lugares, que, apesar de propício para o deslizar de seus equipamentos, eram delimitados para outros fins, como, por exemplo, as quadras de futsal e do Basquete da Praça Didio Duhá. Acrescentando-se a esse contexto, em um olhar aos relatos daqueles praticantes, as calçadas⁵ da Imobiliária Otero, o PoolBar, o Supermercado Guanabara, a Sociedade Amigos do Cassino (SAC), empreendimentos que, entre outros pontos comerciais como sorveterias, restaurantes, lojas de roupa, lotéricas, farmácias, localizam-se na via de acesso principal ao Bairro-Balneário: a Avenida Rio Grande⁶.



⁵ Se na Praça Didio Duhá os praticantes do BMX e do Skate disputavam espaço com o Futsal e o Basquete, nas calçadas da Avenida Rio Grande a disputa acontece com os próprios pedestres que naquele espaço circulam, principalmente, nas noites de verão, devido àquela avenida constituir-se como centro comercial do Cassino.

⁶ Esta avenida, para quem chega pela RS – 734 constitui-se como “porta de entrada” ao Cassino, o qual se comparado a outros balneários brasileiros, em que as avenidas principais são paralelas à praia e, geralmente, nomeadas de “Beira mar”, a Avenida Rio Grande torna-se singular ao se prolongar verticalmente em relação à praia. Além disso, ao cruzar o perímetro urbano do Cassino, aquela avenida provoca uma separação perceptível não só na leitura em mapas geográficos, como também, nas conversas daqueles que frequentam aquele bairro-balneário, corriqueiramente através da pergunta: “pra que lado da Avenida tu mora?”. Além disso, ao adentrar no Cassino pela Avenida Rio Grande até seu destino final que é a praia, uma bonita paisagem pode ser visualizada, onde, além das dunas características da região, o mar, com suas diferentes texturas dependendo das condições climáticas, como, por exemplo a ação dos ventos, apresenta-se como palco para as inúmeras relações travadas entre veranistas e turistas que, ao bairro-balneário chegam no verão, bem como para os próprios moradores.



Mapa 4: Produzido através do Google Maps. Out, 2012. Prancha de bordo.

Esse contexto, em que as calçadas eram referendadas também como locais de realização das práticas observadas, fazia-me experimentar algumas lentes advindas do campo do urbanismo⁷, através de aproximações com Jane Jacobs (2000) quando alerta que:

as ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas - a parte da rua que cabe aos pedestres - servem a muitos fins além de abrigar os pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto à circulação para o funcionamento adequado das cidades (2000, p. 29).

Assim como para Jacobs (2000) os usos das calçadas não são sinônimos da circulação de pedestre, durante o mapeamento no veraneio identificava que os usos das quadras edificadas na Praça Didio Duhá não são sinônimos das demarcações do basquete e futsal. Nessa esteira, comecei a perceber o quanto a circulação gerada pela realização das práticas mapeadas estava submersa não apenas em tensionamentos internos entre os praticantes (como, por exemplo, o ter que ‘chegar junto’ mapeado nas realizações do futebol descritas anteriormente), já que, os espaços também se tornavam focos de disputas entre algumas das diferentes práticas registradas no mapeamento.

Desse modo, além das quadras da Praça Didio Duhá, outros registros, aos poucos, afastaram-me da localização geográfica em pontos no mapa (e a respectiva centralidade em torno dos horários, das estratégias e regras de participação, bem como a frequência com que aconteciam as práticas), impulsionando-me, sobretudo, a olhar as disputas moventes que me deslocavam a palcos, também dinâmicos, na medida em que os registros primeiramente direcionados às práticas referentes aos espaços com delimitações fixas, foram sendo rachados por esses enfrentamentos nos espaços a partir

⁷ Refiro-me aqui as conexões possibilitadas em meu cursar a disciplina “Cidade e Contemporaneidade”, no PPG de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), investimento impulsionado não apenas pelo olhar lançado às calçadas, como também, pela possibilidade ofertada pelo PPGEC de “cursar outras disciplinas oferecidas por PPG no país ou no exterior”.

da ocupação neles efetivadas: 1) Bicicross; 2) Ciclovía da Avenida Atlântica; 3) Rua do Riacho. Inicialmente, no que diz respeito ao Bicicross foi um espaço delimitado para a BMX que surgia como palco de disputas, remetendo-me, respectivamente, a ciclovía e a Rua do Riacho, bem como mostrarei apresentando, ainda, alguns registros com descrições de horários, estratégias e regras de participação e frequência das práticas nos lugares:

Pista de BMX – Avenida Atlântica⁸ entre as ruas Júlio de Castilhos e São Paulo.

- *Situa-se no interior do canteiro central entre as duas vias daquela Avenida;*
- *A pista consiste em uma torre com estrutura de madeira e três morros de saibro, proporcionando manobras aéreas, a partir da impulsão do atleta do ápice da torre e dos sucessivos morros;*
- *A concentração de praticantes acontece no final de semana; (é possível, mas é raro ver alguém utilizando a pista nos dias de semana);*
- *A modalidade chama atenção do público que circula no local. Algumas pessoas em carros, bicicletas e a pé interrompem seus afazeres e observam os “atletas”;*
- *Pista apresenta algumas restrições de uso (exclusivo para atletas com experiência, menores de 18 anos acompanhados por responsáveis e é obrigatório o uso de equipamentos de proteção). (Prancha de bordo, dezembro de 2011)*

⁸ A Avenida Atlântica destaca-se não apenas pela extensão e a respectiva possibilidade de acesso a diferentes localidades do bairro-balneário Cassino, mas também, como uma faixa demarcatória da geografia urbana que separa o Cassino: de um lado, os terrenos de marinha constituídos pelas sete quadras que a distanciam da orla da praia e, por outro lado, os terrenos privados comercializados por imobiliárias locais.



Imagem 1: Produzida no bairro-balneário Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.

No quarteirão da Avenida Atlântica, delimitado pelas ruas Júlio de Castilhos e São Paulo, a “Rampa do BMX” (como também é chamada por alguns usuários) encontra-se no centro. Circundando a “Rampa” e, constituindo junto a ela, o que proponho chamar de “bicicross”, encontram-se morros baixos asfaltados e delimitações planas, com pneus em seu contorno, que indicam o trajeto a ser percorrido por ocupantes de variados modelos de bicicletas. Entre outros modos de disputas nesse contexto, chamou-me a atenção a colocação de equipamentos que, antes mesmo da realização dos campeonatos da BMX que iria ocorrer na “rampa”, possibilitavam pensar em maneiras de disputar aquele local, como, por exemplo, o estender até as delimitações da pista de bicicross uma arquibancada. A ocupação, nesse sentido, era móvel até mesmo através das estruturas ligadas as práticas e espaços que, por sua vez também constituía uma maneira de demarcação naquele lugar.



Imagem 2: Produzida no bairro-balneário Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.

Nesse sentido, outra estrutura edificada para a bicicleta margeava o “bicicross”, servindo de acesso aos ocupantes daquele espaço, bem como a outras localidades do bairro-balneário Cassino. Trata-se da ciclovia, constituída como uma faixa de saibro, a margem também de uma das vias automotivas da Avenida Atlântica. A ciclovia tomou minha atenção em vista às diferentes disputas que sua estrutura promovia, uma vez que, além do fluxo de bicicletas até o bicicross, ela se constituía como um lugar de caminhadas, corridas e deslocamento de pedestres, como dito, a diferentes lugares do Cassino. Os enfrentamentos entre pedestres e ciclistas giravam em torno de alertas quanto à velocidade das bicicletas feitas por aqueles que caminhavam e, por parte daqueles que pedalavam, as reclamações giram em torno da especificidade daquele espaço: “isso é uma ciclovia!”⁹.

⁹ Essa relação entre ciclistas e pedestres no Cassino também é conflituosa na Avenida Rio Grande, frente a isso, a Secretária Especial do Cassino (SEC), responsável pela administração pública do bairro-balneário, fixou nas árvores ao lado da ciclovia daquela avenida pequenas placas com o seguinte alerta: “Atenção ciclista: área de convivência com pedestres, reduza a velocidade”.

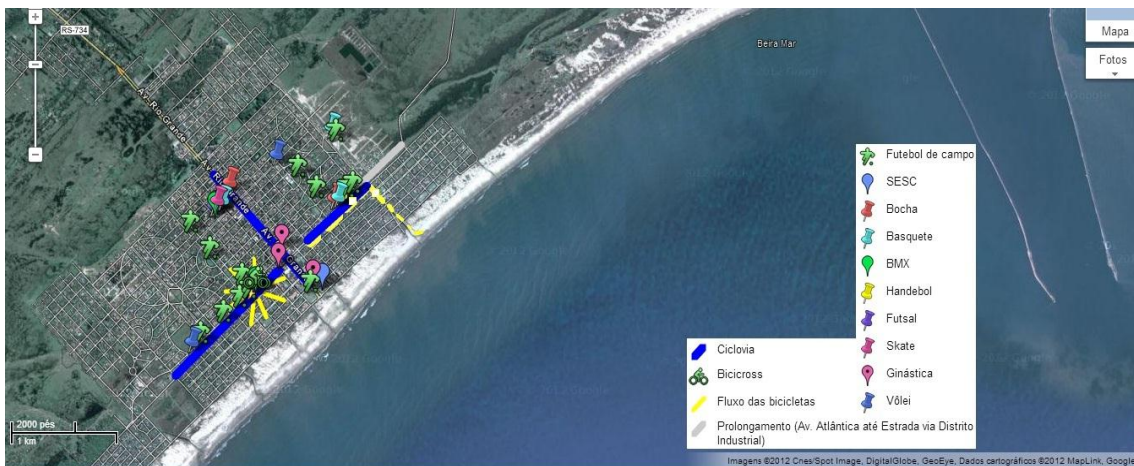
Outro ponto me alertava para extensão com que se prolongava a ciclovia, sendo interrompida, entre as quadras que margeia a Avenida Rio Grande, já que, nesse trecho, o interior da Avenida Atlântica é composto pelas rodoviárias: municipal e intermunicipal. Essa separação da Avenida Atlântica no cruzamento com a Avenida Rio Grande, por sua vez, proporcionou-me experimentar duas óticas distintas, isto é, se de um lado era capturado pelo “Bicicross”, a partir da “Rampa” utilizada pelos praticantes do BMX situada paralela a ciclovia, no outro lado daquela avenida, o fluxo das “barras fortes”¹⁰, outro modelo de bicicleta que observava com recorrência naquela avenida, movimentava meus pensamentos.

Como bandos que migram de uma região a outra em determinadas épocas do ano, o deslocamento do interior do bairro-balneário até a beira da praia, feita por meio das “barras fortes”, tomaram a cena. Essa conexão, efetivava-se ao observar os utensílios carregados no bagageiro daquelas bicicletas: toalhas, cangas, cadeiras, guarda-sol, pranchas de surf e sandboard, bolsas, bolas, entre outros, bem como pelos horários mais intensos de deslocamentos, isto é, início e no final da tarde.

¹⁰ Modelo de bicicleta comum de ser observado tanto no interior do bairro-balneário como na orla da praia do Cassino, reivindicada muitas vezes pela característica dos componentes de sua estrutura, especificamente, os pneus e quadros mais largos e resistentes, bem como o bagageiro acoplado que, por sua vez, propiciam, respectivamente, melhor deslocamento na areia e a possibilidade de carregar utensílios de praia. Apesar de nem todas as bicicletas com as características descritas serem uma “barra forte”, utilizo esse termo atentando-me ao modo popular com que se convencionou chamar aquelas bicicletas por aqueles que frequentam o Cassino. Nesse ponto, a própria circulação das bicicletas na praia emergia como uma maneira de demarcação do espaço, ou seja, definem aqueles que residem ou veraneiam no Cassino.



Imagem 3: Produzida no bairro-balneário Cassino em dezembro de 2012. Prancha de Bordo.



Mapa 5: Produzido através do Google Maps. Out, 2012. Prancha de bordo.

Na ciclovía, ao mesmo tempo em que atrelava o processo investigativo com os deslocamentos das “barras fortes”, desviava a atenção do “Bicicross”, o qual, junto com campos de futebol, quadras de saibro para a realização do basquete e de areia para o handebol, canchas de bocha, área de Ginástica, constituíam outros espaços mapeados no interior do canteiro central daquela avenida. Adicionalmente, ao seguir o fluxo das “barras fortes”, ativavam-se as conexões com os questionamentos de Jacobs (2010) quanto uma suposta especificidade dos carros ao uso das ruas, já que, através da Rua do

Riacho a ideia de um fim específico era tensionado pelas próprias ocupações das bicicletas.

Por outras palavras, mesmo sem ciclovias, calçadas e pavimentação¹¹, a Rua do Riacho comportava uma mistura entre ciclistas, pedestres e veículos, tornando-se também palco de disputas entre aqueles que advogavam a especificidade daquela rua para automóveis e, outros, que com suas circulações apontavam-me para a possibilidade de acesso à beira mar, ora, com bicicletas, ora, a pé.



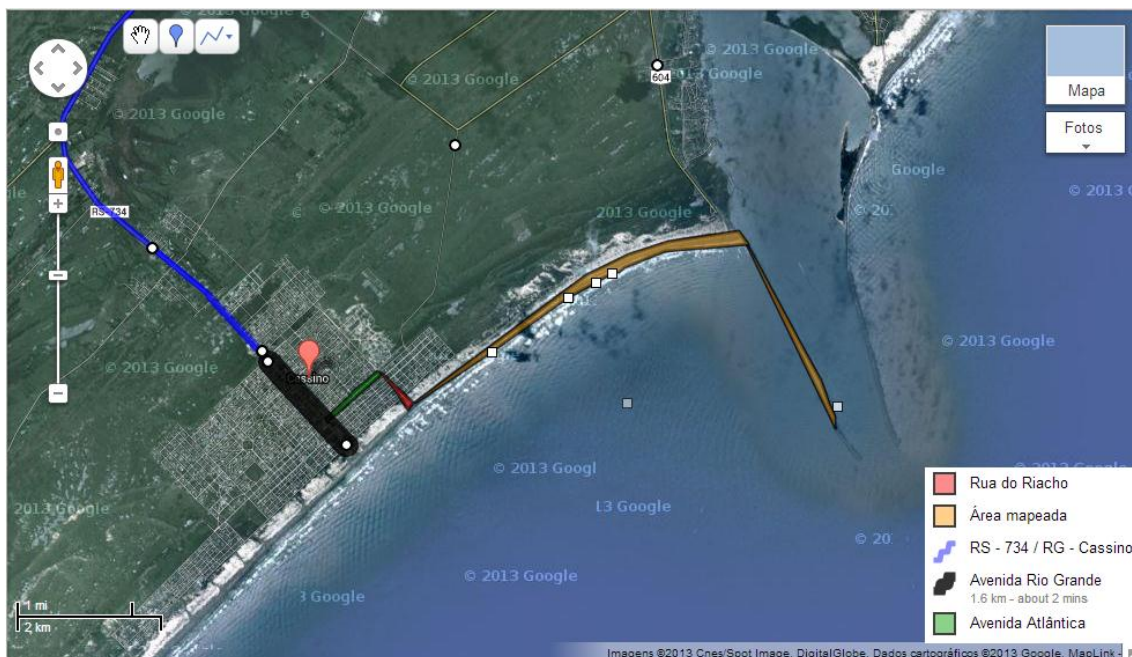
Imagem 4: Produzida no bairro-balneário Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.

¹¹ Refiro-me aqui à pavimentação das vias automotivas da Avenida Atlântica no verão de 2012, que, por sua vez, fez com que alguns ciclistas, frente ao movimento de pedestres na ciclovia, utilizassem aquela via, provocando conflitos com os condutores de veículos automotivos que se manifestavam, ora, com xingamentos, ora, com o disparo da buzina, acenando e alertando para a ciclovia como um lugar próprio para as bicicletas.



Imagem 5: Produzida no bairro-balneário Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.

Partiu pra praia: práticas e espaços em disputa na orla do Cassino



Mapa 6: Produzido através do Google Maps. Abril de 2013. Prancha de bordo.

“pessoas chegando com pranchas em suportes na bicicleta e automóveis”, “carros com trailers rebocados”, “pessoas caminhando, correndo e pedalando”, “tratores delimitando pequenas áreas tanto na saída da Rua do Riacho como na própria extensão da praia”, “caminhões depositando latões de lixo também na extensão da praia”. Em cima das dunas, “pessoas observando o mar, algumas com pranchas em baixo do braço, outras tomando chimarrão e cachorros em sua volta (Prancha de bordo, jan. de 2012).

Com o trecho acima, em que registrava uma rotina dos inícios de manhãs, à beira mar no Cassino, algumas considerações não seriam necessárias para um morador ou veranista daquele bairro-balneário, habituado a observar algumas daquelas cenas. Mas existem os turistas, que no Cassino chegam naquela temporada, aqueles com experiência em outros litorais, não raramente, surpreendem-se com a possibilidade de tráfego de veículos na beira da praia. Nesse sentido, até mesmo a comercialização de produtos na orla, ainda que também comporte os ambulantes a pé, como acontece em outras praias brasileiras, quiosques em reboques de carros, tratores, jipes ou na forma de container e ônibus também podem se destacar no olhar de alguém que se depara com a rotina de verão do Cassino.

Além disso, ao pensar naquela mistura de cenas que simultaneamente produziam as inscrições que fazia, algumas pistas referentes à organização da praia impulsionavam-me a outros registros, como a fotografia abaixo e, os respectivos apontamento ao contexto em que era produzida, como, por exemplo, os cuidados edificados para a circulação de automóveis a beira mar:



Imagem 6: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.

Ou seja, no verão, os “estacionamentos” próximos do mar e das dunas são estabelecidos, como mostra a fotografia, produzida em uma tarde de veraneio, pelos cordões de areia à direita da imagem, construídos no início das manhãs, pelos tratores da Secretaria Especial do Cassino (SEC). Do lado esquerdo da foto, ainda que encoberto pelos automóveis, também são edificados os cordões de areia, os quais naquela zona mais próxima do mar delimitam as áreas de banho, protegidas pelo serviço de segurança e salvamento ao banhista, através da Operação Golfinho¹².

¹² A Operação Golfinho é um projeto do governo estadual do Rio Grande do Sul, comandado pela Brigada Militar, em que “salva vidas” (civis e militares), após treinamento de salvamento e segurança no mar, são distribuídos em guaritas vermelhas (esquerda da imagem 6), ao longo da faixa de areia da praia, durante a temporada de veraneio.

Cabe ressaltar que a edificação dos cordões de areia associada ao aumento da delimitação de áreas de banho e a circulação de veículos na praia durante a temporada, nos dias do veraneio em que a praia sofre ação da suba de maré e das ressacas¹³, acabam não se concretizando, já que, diante esses cenários, as margens do mar em aproximação a das dunas de areia acarretam um encurtamento da orla. Se nos dias que a maré sobe muitos motoristas ao serem surpreendidos acabam atolando seus automóveis,¹⁴ diante das ressacas, são poucos os que se arriscam a circular à beira mar no verão.

Nessa esteira, os cordões de areia delimitados naquela temporada, faziam-me pensar em outros modos de demarcar o espaço na praia, ligados, portanto, à própria ocupação dos automóveis. Ou seja, se em outras estações do ano as demarcações referentes às ocupações da praia são definidas, eminentemente, pelos carros dos surfistas estacionados próximos às dunas, em vista, entre outros exemplos, a possibilidade de uso das dunas para melhor visualização do mar para sua prática, no verão, suas ocupações, misturadas com a chegada daqueles que vêm para o veraneio, tornam-se conflituosas frente à própria circulação à beira mar.

Por outras palavras, em meio aos surfistas, a ruptura da tranquilidade do tráfego na orla em relação às outras estações do ano, provoca uma série de lamentos ligados àquela temporada, visto as próprias investidas para realização de sua prática: “poxa, altas ondas rolando no Terminal e quando voltei do almoço o trânsito engarrafado ali no Palito¹⁵”. Outro tensionamento recorrente, envolvendo os automóveis, tematizavam o lixo na praia: “as ‘pinta’ vêm pra praia de carro, fazem a festa e nem pra juntar o lixo numa sacolinha e levar pra casa ou colocar nos latões de lixo”(Prancha de bordo, jan. 2012)

Os próprios atos corriqueiros entre os surfistas em outras estações do ano passam a ser mais cautelosos durante o veraneio, como, por exemplo, a troca das roupas de banho após as sessões de surf, bem como a tranquilidade em deixar os carros abertos, seus cachorros soltos, bicicletas à beira mar, enquanto vão surfar. A praia como o “quintal de casa”, como é reconhecido pelos surfistas àquele espaço, ganha contornos

¹³ A potente ação dos ventos do quadrante sul para a praia do Cassino, que, somados com a presença de ondulações em alto mar, provocam as típicas ressacas, mais frequentes no inverno, mas que não deixam de marcar presença em alguns dias do verão.

¹⁴ Maiores informações disponíveis em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/verao/noticia/2012/01/mare-sobe-e-carros-atolam-na-praia-do-cassino-3642713.html>. Acesso em 14/06/2013.

¹⁵ Trailer comercial de produtos alimentícios.

mais fechados frente à ocupação dos veranistas/turistas e à suposta vigilância que se impõem com a presença destes no verão.

Se para os veranistas/turistas o espaço da praia no veraneio pode ser visto como uma possibilidade de descanso, uma ruptura do regramento da rotina cotidiana, para àqueles acostumados com a tranquilidade do espaço à beira mar em outras estações do ano, como os surfistas, o verão, em função da multidão que, entre outras coisas, buscam se banhar, passa a ser visto como um fardo. Esse sentimento, ao mesmo tempo, de abertura para o veranista/turista e fechamento para os surfistas/moradores, forçavam-me a pensar o processo de ocupação do espaço da praia no verão como pista das relações de disputa travadas no próprio espaço à beira mar.

Dessa maneira, ao observar as práticas em disputa na areia identificava o quão potente se constituía a orla da praia do Cassino, em vista a produção de relações que, não se expressavam apenas pelo trânsito e, as demarcações, ora, produzidas, ora, construídas, respectivamente, pelos e para os condutores dos automóveis. Dito de outra maneira, as constantes variações climáticas e as sucessivas mudanças geográficas as paisagem daquele espaço, também auxiliavam-me a pensar o quão produtiva tornava-se aquele espaço ao olhar as práticas e as relações que delas emergiam.

Como exemplo da produção de práticas em sintonia com o espaço da orla no Cassino cito, o *Wind Car*¹⁶ e o *Kite Skate*¹⁷, os quais são potencializados tanto pela ação dos ventos, como pela faixa de areia lisa e plana constituinte da geografia da beira mar do Cassino. No entanto, ainda que em harmonia com a paisagem da orla, aquelas práticas não deixam de estabelecer conflitos naquele espaço, visto que é em meio a circulação de automóveis que acontece aquele “velejar na areia”.

Frente a esse contexto, lapidava algumas pistas que me pareciam interessantes à esse mapeamento, ou seja: 1) se o “como” as práticas acontecem à beira mar pode ser associado às disputas pelo espaço; 2) o “quando” são realizadas no

¹⁶ O *Wind Car* consiste carros com características diferentes se relacionados aos veículos automotivos, são elas: a quantidade de pneus 3 geralmente em rodas semelhantes aos carrinhos de mão e o, combustível que os move, nesse caso, é o vento a partir das velas como suporte de deslocamento. Para uma melhor visualização dessa prática na beira da praia do Cassino acessar o vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=911OBU27DQI>. Acesso em 14/06/2013.

¹⁷ O *Kite skate* é uma mistura do *Kite surf* com o Skate. Ainda que o tamanho da pipa (*kite*) dependa das variações de intensidade do vento, bem como acontece quando praticado na água, para a realização na areia, o skate utilizado na beira da praia difere, quanto a estrutura dos “carrinhos”, daqueles usados para deslizar no asfalto, principalmente, em relação às rodas de borracha, que possuem maior diâmetro e, com isso, melhor facilidade para deslizar na areia.

Cassino, atrelo, especialmente, as condições climáticas impostas pela geografia da orla, como, por exemplo, os ventos. Ou seja, se os ventos do quadrante sul remetem às práticas no mar¹⁸, especialmente, pela entrada de ondulações e as ressacas, os provenientes do quadrante norte estabelecem relação com o suceder ou não de algumas práticas a beira da praia no Cassino.

Nesse sentido, por sua intensidade e assiduidade nos dias de verão, o “nordestão”¹⁹, pode ser apontado como o mais influente, pois ao mesmo tempo em que favorece as práticas relacionadas à vela e à pipa adaptadas para as superfícies de areia, como, por exemplo, os citados *Wind Car* e *Kite Skate*, desfavorece outras que também acontecem na orla, como, por exemplo, a circulação de bicicletas, entre as quais, as “barras fortes”.

Na beira da praia, com circulação tanto em meio à faixa delimitada para os automóveis como na zona dos banhistas, as “barras fortes” podem ser observadas “estacionadas” nos arredores do antigo Terminal turístico. Se por um lado o vento nordeste impede a visualização das “barras fortes”, nos dias sem vento, as bicicletas, tomam a cena, demarcando aqueles que são “cassineiros”²⁰, isto é, que possuem casa (de veraneio ou moradia) no Cassino.

¹⁸ Como exemplo das práticas realizadas na água, cito o caiaque, o remo em bote, o Sand Up Padley (SUP), especificamente, pelos deslocamentos proporcionados pela força do vento em contato com os equipamentos e o corpo dos adeptos, desfavorecem as práticas em questão. Por motivos de delimitação do estudo, primeiramente, concentrar-me-ei nas que acontecem fora do mar.

¹⁹ Vento nordeste: sua direção sopra entre o quadrante norte e leste e, por sua intensidade, é apelidado no aumentativo, tanto no Cassino como em outras praias gaúchas.

²⁰ O termo “cassineiro” é bastante difundido entre os surfistas do Cassino, geralmente, para demarcar a fronteira que os diferem daqueles que vem de fora (turistas e veranistas) ou, simplesmente, para delimitar os laços entre os adeptos que configuram o círculo de práticas locais, especialmente aquelas realizadas no meio aquático. Nessa esteira, através das observações que fazia no verão, as “barras fortes” surgiam como que uma extensão para a areia dos códigos delimitadores daqueles que moram no Cassino (“cassineiros”), ao mesmo tempo em que permite conexão com os veranistas que, também produzem demarcações, como, por exemplo, na distinção que exercem frente aqueles que vão para o Cassino passar um dia, uma manhã ou tarde durante o veraneio.



Mapa 7: Produzido através do Google Maps. Maio de 2013. Prancha de bordo.



Imagem 7: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2013. Prancha de bordo.



Imagem 8: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2013. Prancha de bordo.



Imagem 9: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2013. Prancha de bordo.

A aglomeração no “Terminal” não diz respeito apenas às bicicletas, como, também, aos automóveis, serviços gastronômicos²¹ e escolas com aulas de algumas práticas ligadas ao mar. Ou seja, mesmo constituindo-se estruturalmente como ruínas de pedra²² daquilo que no passado foi uma zona de camping, o “Terminal”, hoje, não se limita à estrutura visível e decadente daquela construção, pelo contrário, delimita uma ocupação, por exemplo, dos “cassineiros” que de bicicleta se direcionam àquele lugar.

Tomando as relações travadas com surf como exemplo, o “Terminal”, além de conhecido como um “pico” (lugar) de boas ondas, principalmente, no inverno, constitui-se no verão como um lugar de encontro dos surfistas na areia, uma espécie de reduto, não só dos surfistas como de outros adeptos de práticas ligadas ao mar. Por outras palavras, o *Kite Surf* e *Sand Up Padley* (SUP)²³ também delimitam aquele espaço pelas relações que estabelecem, isto é, a própria distribuição dos equipamentos para

²¹ É interessante ressaltar disputas acontecendo naquela zona, envolvendo os proprietários de trailers em que as demarcações tinham como base à distância mínima (50m) entre um estabelecimento e outro, as disputas, nessa esteira, giram em torno do horário de ocupação a praia, uma vez que, a distância deve ser calculada a partir da chegada do primeiro aos sucessivos trailers a partir de suas delimitações (cadeiras, mesas e outras estruturas) na praia.

²² O terminal se configura hoje como ruínas de paredes encobertas por vegetação e pela própria areia das dunas que circunda o local. A estrutura mais imponente é o que aparenta ser uma grande caixa d’água.

²³ Sand Up Padley, conhecido entre seus adeptos como SUP, consiste no surfar utilizando remos, os quais além de propiciar a remada do praticante em pé em cima da prancha, ajuda-o na realização de manobras enquanto desliza na onda. O SUP, também é uma opção de prática nos dias sem onda na praia e é comum visualizar os praticantes remando, quase sempre em grupos.

aquelas práticas a beira mar, bem como seu transporte até a praia em suportes em cima ou em reboque de automóveis, demarcam relações de força que, pelo constante processo de disputas que produzem, constituem parte da produtividade ligada as ocupações naquele espaço a beira mar do Cassino.

Como exemplo do contexto acima, trago a fotografia abaixo em que duas pranchas de SUP, delimitam o trajeto das bicicletas na orla.



Imagem 10: Produzida na orla da praia do Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.

Outra prática mapeada com recorrência na orla da praia do Cassino foi o futebol, sendo que algumas partidas próximas às dunas tinham suas delimitações sob a forma de quadrados. No entanto, nos jogos que acontecem na zona de banho, as linhas demarcatórias, quando desenhadas na areia, são apenas ao lado dos “golzinhos fechados”, construídos de diferentes maneiras (morrinhos de areia, espiga de milho verde, chinelos e outros). As delimitações laterais do “campo” são: de um lado o mar e, de outro, os carros, as pessoas que tomam sol e conversam em volta dos automóveis. Em ambos os lados, as boladas geram desconfortos quando acertam os carros, os próprios proprietários dos veículos ou quando atingem àqueles que realizam caminhadas à beira mar.

Alguns comentários, em relação àquela prática, quando não se esgotavam nos pedidos de desculpas, apontavam para dizeres como: “aqui não é lugar de jogar bola!”,

“não sou flanelinha pra cuidar do teu carro!”, “os incomodados que se retirem!”. A influência do vento nessa prática se dá na disputa dos dois times para começar o jogo a seu favor, especialmente, pelas longas distâncias que deslocam a bola, quando carregada pelo vento para além dos limites estabelecidos pelos “golzinhos fechados”.



Imagem 11: Produzida na orla da praia do Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.



Imagem 12: Produzida na orla da praia do Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.

Outras práticas registradas que acontece à beira mar no Cassino, foram a bocha²⁴ e a petisca²⁵. Essas sofrem menos influência dos ventos, uma vez que os materiais utilizados para aqueles jogos são de pedra: pequenos discos circulares na petisca e bolas na bocha. Além disso, se destacavam as diferentes faixas etárias daqueles que participavam dos jogos, dos jovens que entre uma jogada e outra apreciavam uma cervejinha, até os velhos que utilizavam àquelas práticas para unir os parentes. Nos grupos que me aproximei para conversar, as equipes eram constituídas por famílias, pais e filhos, netos/as e avós concentravam-se e vibravam a cada jogada.

A demarcação dos lugares para a realização daquelas práticas era feita com riscos na areia, os quais evidenciavam uma forma de delimitação do espaço até mesmo quando os participantes faziam intervalos entre uma partida e outra, visto que os materiais, muitas vezes ficavam distribuídos na orla:

²⁴ O jogo de bocha, após a delimitação da quadra, consiste no lançamento de bolas (bocha), ou seja, inicialmente é lançado uma pequena bola, chamada de bolim, o qual torna-se alvo de bolas de maior diâmetro sucessivamente lançadas pelas equipes ou duplas participantes, no intuito, de obter uma aproximação do bolim ou afastar as bolas da equipe ou dupla adversária quando muito próximas ao bolim.

²⁵ A petista é um jogo de pontaria que consiste no arremesso de discos em que duas equipes ou uma dupla buscam acertar um primeiro disco arremessado para dar início à partida. Os pontos são contabilizados pelo número de acertos ao alvo inicial ou através dos discos com maior proximidade deste.



Imagem 13: Produzida na orla da praia do Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.



Imagem 14: Produzida na orla da praia do Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.

Ambas aconteciam dentro dos cordões de areia mais próximos do mar e tinham como ponto comum o fato do grupo de praticantes pertencerem a cidades próximas a Rio Grande, a saber, Dom Pedrito e Bagé, situadas na chamada microrregião

da campanha²⁶ do Rio Grande do Sul. Ainda que não possa afirmar que todos os grupos que realizam a bocha e a petisca na beira da praia são pertencentes àquela região, torna-se importante acenar a imbricação entre a difusão daquelas práticas na orla e as migrações daqueles grupos no veraneio ao Cassino, visto, por exemplo, algumas conversas com praticantes que apontavam àqueles jogos como parte de seus costumes locais e a possibilidade de praticá-los à beira mar fazia com que trouxesse para suas estadas no veraneio os equipamentos para a realização.

Vale frisar a receptividade oferecida nos dois distintos grupos que me aproximei. Diante do jogo da bocha, seus praticantes eram rapazes moradores de Bagé, cujo entusiasmo com a partida que realizavam estava ligada à premiação, como me relatava um participante, no momento que interrompi as pedaladas e o indaguei sobre o jogo. Dizia-me que a equipe que obtivessem a vitória não precisaria, durante o domingo, se preocupar tanto em assar o churrasco ou limpar os utensílios (espeto, churrasqueira) utilizados na praia, tarefas estabelecidas àqueles que perdessem a partida.

Entre aqueles que jogavam a petisca foi um integrante do grupo que me abordou. Sua aproximação girava em torno da câmera com que produzia as imagens, já que, naquele momento, havia interrompido as pedaladas e me aproximado daqueles integrantes, a fim de registrar em imagem, as placas e a localidade que advinham com os veículos. Antes disso, a pergunta: “essa é a GO PRO?” Assim, à medida que me relatava seu interesse em adquirir uma câmera para correr de motocross, pude compartilhar meu objetivo em usar aquele equipamento, isto é, o interesse em mapear práticas, entre as quais a petisca, que naquele momento mobilizava os integrantes do seu grupo. Disse-me que era sua família e todos os verões, quando vinham para o Cassino, traziam os discos de pedra.

Adicionalmente, os discos de pedra para o jogo de petisca, bem como as pranchas distribuídas à beira mar, faziam-me pensar, como mostrei anteriormente, o quanto serviam como modo de demarcação dos espaços na orla. Se no bairro-balneário a disputa entre as práticas aconteciam sobre desenhos fixos em diferentes espaços que compõem a paisagem urbana mapeada, na orla da praia, a demarcação surgia em

²⁶ Ainda que as placas dos carros à beira mar apontem para a predominância de turistas advindos de Bagé e Dom Pedrito, outras cidades como Aceguá, Hulha Negra e Lavras do Sul que também compreendem aquela microrregião gaúcha, podem ser visualizadas na praia. A essas ocupações somam-se os habitantes da cidade de Pelotas e Camaquã, as quais, em termos geográficos, compõem, respectivamente, a microrregião sul e centro sul, conforme classificação da Secretária de Turismo do Rio Grande do Sul.

sintonia ao próprio acontecer das práticas, que potencializavam as pedaladas e o direcionamento do foco da câmera que transportava.

O frescobol também foi mapeado na orla do Cassino. Diferente da bocha e da petisca, às quais aconteciam afastadas do mar, o frescobol variava no trecho de areia, distante da água do mar e na zona de fluxo e refluxo das marolas, na beira da praia. Os jogos em duplas na areia apresentavam características similares ao jogo de tênis, tanto pelas demarcações como também pela possibilidade de quique entre as raquetadas, diferente daqueles realizados na água que consistiam na predominância da bolinha no ar. A influência do vento nesse jogo, também, permite algumas distinções entre os realizados na areia e os que acontecem no mar, especialmente, quando um praticante, ao não conseguir rebater a jogada, tem que caminhar longas distâncias na areia no momento em que a força da raquetada incide com a força do vento, diferente dos jogos na água em que a bola, ao cair, flutua no contato com a superfície líquida.



Imagem 15: Produzida na orla da praia do Cassino em dezembro de 2012. Prancha de bordo.

Além disso, outra prática registrada foi a pesca. No entanto, diferente das práticas anteriormente apresentadas, a pescaria era realizada no interior das estruturas de pedra (oeste) dos Molhes da Barra. Naquele local, ao longo dos aproximados 4 km de sua extensão, discernia inúmeras maneiras de pescar. Se nos primeiros 500 metros se

destaca a pesca esportiva, com varas em que veranistas/turistas tomavam a cena, após aquela quilometragem, eram os pescadores da vila da Barra²⁷ próxima àquela estrutura de pedra que me chamavam a atenção. Pistas disso, surgiam em uma conversa com um pescador, após observar duas “barras fortes”, que, ao invés de carregar utensílios como o guarda sol, bolsas e cadeiras de praia, visualizadas naquelas “estacionadas” no Terminal, tinham na bagageira caixas plásticas, que serviam tanto para levar redes, tarrafa e linhas quanto para carregar os peixes capturados.



Imagem 16: Produzida no interior do molhe (oeste) da praia do Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.

Ao presenciar uma tarrafada com êxito na retirada de algumas tainhas, elogiei o pescador, começando uma conversa:

Irado esses peixes...são pra vender? (curioso)

- “É tainha...tu qué? Vais levá como? Eu só trouxe um saco (mostrou o saco cheio de tainhas)(pescador)

- Acabei não trazendo dinheiro...mas numa próxima vez já sei que esse vento é bom pra pesca de tainha...(curioso)

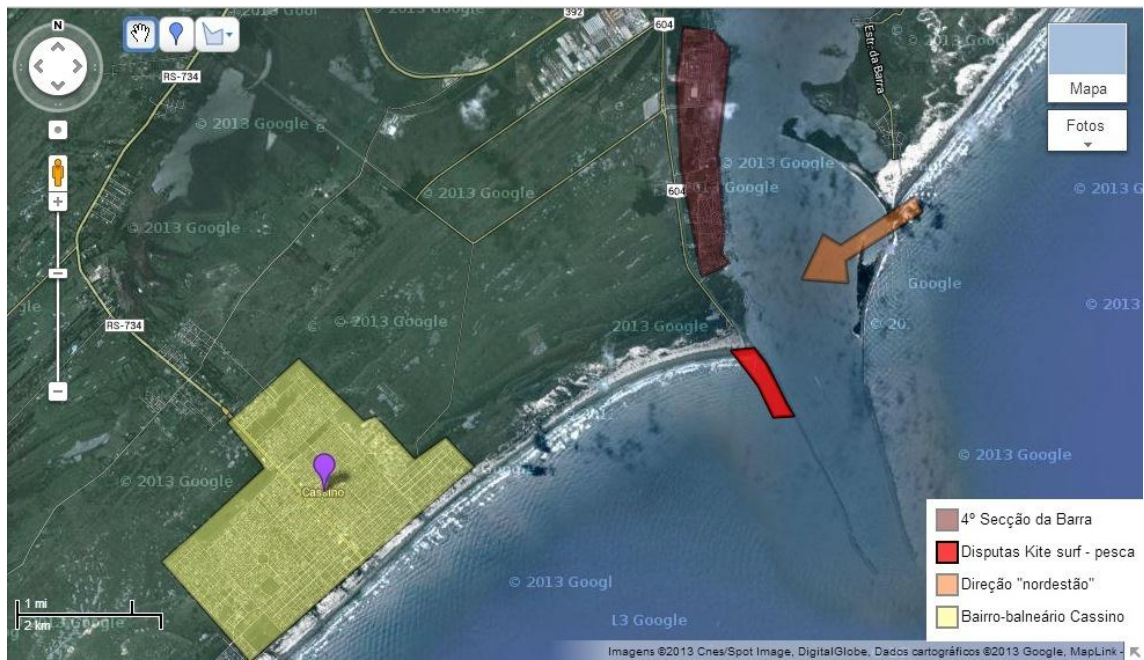
²⁷ Localidade próxima à extremidade norte da praia do Cassino.

- “Bom seria se tivesse mais assim (direção norte) e tá muito forte também. Ali (lado esquerdo de quem entra nos molhes, lado do canal), a água tá bem clarinha, mas com esse vento (nordeste) a tarrafa volta... Aqui (lado direito, lado da praia) tá escuro, mas tá lisinho, a gente vê só o movimento delas (tainhas)”;(pescador)
- Chegasse cedo aqui pelo jeito?(curioso)
- “cheguei deve fazer uma hora...” (já eram 18h) (pescador)
- Vai ficar aqui essa noite?(curioso)
- “não...daqui a pouco vou embora...larguei umas linhas ai nas pedras, quando terminar as iscas eu vou embora (pesca de Garoupa²⁸)”(curioso)
- “não é querer te dizer nada, essa quantidade aqui os caras lá na vila vão te pedir 40 conto (reais), eu te vendo por 30”.(pescador)
- Vo indo lá...na próxima venho com dinheiro...(curioso).(Prancha de bordo, jan. 2012)

Com essa conversa identifiquei que o “nordestão”, se por um lado diminuía o fluxo das “barras fortes” até o Terminal, trazia os pescadores da vila da Barra em bicicletas até o Cassino, pela possibilidade de “tarrafejar” a favor do vento no Molhe oeste. No sentido da harmonia com o vento também surge o *Kite surf*, prática comum de acontecer no lado dos molhes em dias de “nordestão”²⁹, já que, a “pipa” embolsa o vento, permitindo o deslocamento do velejador, e a estrutura de pedra dos molhes deixa o mar liso propiciando o velejador deslizar com sua prancha. Portanto, o “velejo” e a “pescaria” ao lado dos Molhes nos dias de “nordestão” são requisitados por dois motivos e, correlatos: 1) sintonia dos equipamentos de cada prática com a direção do vento; 2) proteção das pedras na ação do vento, deixando o mar liso no lado da praia do Cassino.

²⁸ A pesca da Garoupa é comum nos Molhes da Barra, visto que a estrutura de pedra daquele lugar tornaram-se abrigos para essa espécie de peixe que lá vivem entocadas. Geralmente, utiliza-se linhas e anzóis mais grossos que os da pesca com vara, visto que, além da Garoupa ser um peixe de porte grande, impõem resistência se não for retirada no ato em que fisgar a isca, pois se entoca e, ao abrir seus opérculos, fixa-se entre as pedras. Os pescadores se distribuem para pesca dessa espécie geralmente à noite, por acreditarem ser um peixe com hábitos noturno.

²⁹ Maiores informações dessa relação do *Kite surf* nos Molhes da praia Cassino disponível em: [http://www.veraonumaboa.rs.gov.br/conteudo/420/?Pr%C3%A1tica de esportes na beira da praia atrás dos molhes da praia Cassino](http://www.veraonumaboa.rs.gov.br/conteudo/420/?Pr%C3%A1tica%20de%20esportes%20na%20beira%20da%20praia%20atr%C3%A1s%20dos%20molhes%20da%20praia%20Cassino) . Acesso em 14/06/13.



Mapa 8: Produzido através do Google Maps. Abril de 2013. Prancha de bordo.

Dessa forma, ainda que por um espaço dentro do mar, a disputa entre os pescadores e velejadores, no lado dos molhes oeste da barra, efetiva-se por enfrentamentos em torno dos inconvenientes que um suposto atrito entre os equipamentos de ambas as práticas pode causar. Essas disputas remetiam-me a outras observações produzidas durante o veraneio à beira mar, especificamente, através das enunciações das fotografias abaixo:



Imagem 17: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.



Imagem 18: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.

Diante a leitura das placas observa-se que a presença dos pescadores nos Molhes da Barra, ainda que com sentidos relativos à direção do vento, não se resume a uma simples opção, visto a proibição da pesca à beira mar durante o veraneio. Essa ênfase frente à pesca no Cassino, ora, com fotografias, ora, com trechos de conversas, chamava-me atenção pela recorrência do envolvimento daquela prática no cenário de disputa por espaço à beira mar. Será a prática do *Kite surf* o próximo delimitador do espaço onde a pesca não poderá ser realizada?

Essa pergunta surge em uma leitura às considerações reveladas ao “Programa surf legal”³⁰ apresentado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no início do verão de 2009, em que em nome da segurança dos surfistas, a pesca era alocada para fora da zona que vai da Querência até os Molhes da Barra, sendo ao surf também delimitadas áreas para sua realização.

Nessa esteira, ao dedicar maior atenção às placas que buscam estabelecer lugares para determinadas práticas à beira mar, logo, outras enunciações faziam-me pensar que as disputas dos velejadores de *Kite surf* não eram apenas com os pescadores, em função do perigo que as linhas e as redes de pesca impunham para sua prática. Constitui-se um enfrentamento as próprias demarcações pré-determinadas pelo poder público, já que, ocupar o canto, entre os molhes e a beira da praia, estava mais ligado aos sentidos criados pela sintonia com o vento, e com as pedras, do que propriamente a área delimitada por cordões de areia e placas a beira mar para sua realização, distante cerca de 1 km do molhes:

³⁰ “Surf legal” é um decreto que visa a delimitação de áreas relativas às práticas do surf e da pesca, lançado em 2009, com repercussão em todos os litorais do Rio Grande do Sul. Nas mídias riograndinas o Jornal Agora, destaca uma reportagem com o parlamentar Sandro Boka, membro da comissão executiva quando diz: “com o decreto, haverá regras no ir e vir também dentro d’água, garantindo a segurança aos surfistas e uma das práticas esportivas mais realizadas no litoral gaúcho: a pesca amadora”.



Imagem 19: Produzida na orla da praia do Cassino em janeiro de 2012. Prancha de bordo.

A placa na fotografia acima, também me fez pensar o *surf* como desviante daquele lugar, nem tanto pela sintonia com o vento estabelecida pelos velejadores de *Kite surf* e pescadores em relação ao canto do molhe oeste, mas pela indeterminação de “picos” (lugares) de onda, visto as modificações no fundo de areia (influência dos ventos, ondulação, dragagens, ressacas³¹) que, por sua vez propiciam condições de surf em variados lugares daquela praia gaúcha. Dessa maneira, os anseios dos surfistas em vista ao espaço da praia no veraneio, não condiz somente ao processo de ocupação dos veranistas/turistas, como também às tentativas de delimitar “o” lugar para sua prática.

31 Maiores informações a respeito das ressacas e, outros fatores que influenciam o surf na praia do Cassino, são narrados pelos próprios surfistas no trabalho “*Partiu pro surf*”: memórias e amizades na Praia do Cassino – RS, disponível em <http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/2747>. Acesso em 14/06/13.

Do surfista aos modos de produção a beira mar

É preciso agora ficar com um mapa só de linhas e nós, menos localização e mais relação, menos territórios geográficos e mais territórios existenciais e subjetivos. O fundo do mapa agora tem que ter uma cor só, ou não ter cor nenhuma, porque não interessa mais de que matéria ele é composto. Interessam as linhas e os nós (HECKTHEUER, 2012, p. 51).

Do fragmento acima, retirado da tese de Luiz Felipe Hecktheuer (2012), algumas pistas despertaram-me a falar sobre o mapeamento apresentado até aqui, não apenas em termos de localização geográfica e sim em busca de conexões através das “relações; dos territórios existenciais e subjetivos”. Para tanto, as observações realizadas nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro correspondentes às temporadas de veraneio 2011/2012 e 2012/2013, as quais compreenderam os dois anos de realização dessa investigação, tornam-se um suporte para o que tentarei desenvolver abaixo.

Primeiramente, aponto como interessante falar sobre a cartografia³², também tomada como inspiração nesse percurso, quando propõe a reversão metodológica, anunciada por alguns autores, como Passos (et al. 2009) ao dizer que a:

metodologia quando se impõem como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) pré-determinado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. (2009, p. 10).

Frente a essa reversão, a aproximação com a cartografia tocou-me também na conexão com a experiência de surfar, ou seja, como anunciar o que fazer no mar antes de nele entrar e, sentir as condições da onda? Desse modo, ainda que a experiência com o mar e as ondas apontasse-me sentidos a respeito da reversão metodológica imbricada na cartografia, foi fora do mar, especificamente, ao engajar o surf no processo

³² Hecktheuer (2012) ao falar de uma proliferação de publicações no Brasil referentes à cartografia aponta para diferentes sentidos operados por variados autores a esse termo e, assim, cita obras como “*Foucault* (DELEUZE, 1995), em que parte da produção do filósofo Michel Foucault é considerada como a de um cartógrafo; *Império* (NEGRI E HARDT, 2001), no qual são feitas referências a uma nova cartografia de poderes alternativos (p. 16), a qual, por sua vez, Pál Pelbart (2009) se refere como sendo ‘a primeira grande cartografia do terceiro milênio’ (p. 81), no sentido de se constituir numa cartografia global contemporânea, a partir de uma abordagem multifacetada; *Ofício de cartógrafo* (MARTÍN-BARBERO, 2004); *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (ROLNIK, 2006); *Cartografias do desejo* (GUATTARI e ROLNIK, 2005) e, mais recentemente, *Cartografias de Foucault* (ALBUQUERQUE JUNIOR, VEIGA-NETO E SOUSA FILHO, 2008). Desses, destacamos duas compilações que foram muito importantes para que ousássemos cartografar: *Cartografias e Devires: a construção do presente* (FONSECA E KIRST, 2003) e *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010)” (2012, p. 40).

em que me constitui professor de Educação Física, que identificava algumas pistas potentes aquela inspiração metodológica.

Refiro-me, como dito inicialmente, às pesquisas que realizei em meus Trabalhos de Conclusão de Curso nas graduações em Educação Física, intituladas, *Partiu pro surf: Memórias e Amizades na Praia do Cassino* e *Notas de uma experiência: o surf na Praia do Cassino*³³, nas quais a rede de narradores entrevistados, além de falar sobre suas estratégias para enfrentar o mar, lançavam algumas pistas sobre a importância do Cassino para suas mobilizações frente aquela prática, como, por exemplo, a produção de pranchas e/em fábricas locais.

Daqueles trabalhos até a presente pesquisa, destaco a vinculação desse estudo ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde (PPGEC), especialmente, a linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos. Nessa esteira, fortificava-se a aproximação com a cartografia, especificamente, nos Seminários de Orientação, nos quais discuti sobre aquela metodologia, frente a dois trabalhos que se desenvolviam em meio ao grupo, a saber: a tese de Luiz Felipe Hecktheuer defendida em 2012 intitulada *Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande – RS* e, a tese em andamento de Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves intitulada *Quem são os vulneráveis dos projetos sociais?*

Diante das discussões sobre esses trabalhos, os livros *Cartografias e Devires: a construção do presente* (FONSECA E KIRST, 2003) e *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009) surgiam como ferramentas interessantes para o início dessa análise. No entanto, ainda que tenham sido importantes para a projeção desse estudo, outras temáticas emergiram com os registros que compus no verão de 2011/2012 e 2012/2013, em detrimento ao próprio desdobramento daquilo que inicialmente estava chamando de “coisas” e, que delimitavam os objetivos dessa investigação.

³³ SOUZA, Thiago Silva de. *Notas de uma experiência: o surf na Praia do Cassino – RS*. 2010. 36 f. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. SOUZA, Thiago Silva de. “Partiu pro surf”: *Memórias e Amizade na Praia do Cassino – RS*. 2010. 28 f. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Por outras palavras, em meio ao mapeamento, essas “coisas” surgiam como uma variedade de práticas mapeadas em diferentes espaços do Cassino. Nesse sentido, o próprio processo investigativo de mapear, foi lançando pistas que contribuíram metodologicamente para a configuração desse estudo. Ao destacar a processualidade investigativa imbricada ao mapeamento, refiro-me a possibilidade de aproximação ao livro *Cartografias de Foucault* (2011), escrito a partir de diferentes obras de Michel Foucault, ao qual segundo Albuquerque Junior (2011) “não interessa restituir a totalidade de uma dado real, nem achava isso possível, buscava apenas estudar a racionalidade de uma dada prática, inclusive dadas práticas de espaço, práticas que o instituíam e o demarcavam” (2011, p. 104).

Esses delineamentos apontados por Albuquerque Junior (2011), no engajar o pensamento de Foucault a esse estudo, potencializava o desvio a totalidade de práticas e lugares mapeados (mapa 2) no interior da zona urbana do Cassino, por exemplo. As práticas, através de sua processualidade, tornaram-se um suporte para pensar os próprios delineamentos investigativos apresentados, visto que não estavam fixadas a “um” lugar do Cassino, como, por exemplo, o trânsito das bicicletas (BMX e “barras fortes”) não limitadas, respectivamente, a “rampa” e a ciclovia da Avenida Atlântica, visto no mapeamento, a ocupação dos praticantes dos respectivos modelos, as calçadas (da Avenida Rio Grande) e ruas (Rua do Riacho) do Cassino.

Estrategicamente, as demarcações constituídas pelas práticas moventes no espaço potencializam a possibilidade de pensar o impensado, o imprevisto, aquilo que está à margem de um caminho seguro na produção do conhecimento. Nesse movimento, interessa-me, a viabilidade de posicionamento frente à demarcações fixas (um método, por exemplo) imbricadas a produção do conhecimento, referendando, assim, saberes que, na interlocução com processos acadêmico-científicos contribuem para a produção do conhecimento, como, por exemplo, nessa trabalho, as conversas com os integrantes do grupo de pesquisa, as leituras acadêmicas, bem como as realizadas nas próprias idas a campo. Assumir alguns posicionamentos na interlocução com o processo de pesquisar esta ligado ao caráter político imbricado a um entendimento de ciência vinculado ao seu

processo de criação³⁴, ao mesmo tempo em que me afasto de qualquer pretensão de uma neutralidade científica.

Assim, é sobre esse mapeamento não fixado a localizações metodológicas e geográficas, uma vez atento as relações que acontecem nos lugares em que transitei ao longo desse estudo, que gostaria de falar agora, buscando efetivar com esse relato alguns movimentos que tornaram possíveis a sistematização apresentada até aqui, não confeccionada sem as interlocuções feitas em meio ao transcorrer investigativo.

Um ponto a ser primeiramente destacado diz respeito as delimitações ligadas a produção dos próprios mapas geográficos, já que, com recorrência no processo de mapeamento perguntava-me sobre como obter imagens que me ajudasse a explicar os contextos (olhares lançados aos lugares, conversas travadas com os ocupantes dos lugares) que forçavam-me a pensar? Indagações que continuam no instante que formulo a seguinte questão: por que não outro recurso diferente do *Google Maps*? Uma pista que me auxilia a pensar essa indagação diz respeito ao processo de captação das imagens disponibilizadas naquele programa, refiro-me, especificamente, à versão que ao invés de capturar imagens por satélite, as produz através de câmeras acopladas em automóveis, denominada *Google Street View*³⁵, responsável pelas imagens de ruas e avenidas das cidades, como, por exemplo, as que dão forma ao mapa 4 desse trabalho, referentes às calçadas da Avenida Rio Grande, no interior do bairro-balneário Cassino.

Nesse sentido, esse processo serviu de inspiração no que diz respeito ao processo de captação de imagens, visto que foi circulando pelas ruas, avenidas e orla do bairro-balneário Cassino, com uma câmera, que fui produzindo as fotografias³⁶. No entanto, dois pontos, aos poucos, foram diferindo daquele programa: 1) meio de

³⁴ Segundo Kastrup (2003), “entender a ciência dessa forma é fazer dela uma leitura pragmática, contra a perspectiva epistemológica, que abstrai a ciência de seu fazer efetivo e faz dela um discurso exclusivamente comprometido com a verdade” (p. 57).

³⁵ Segundo reportagem do Jornal Zero Hora, os carros do Google Street View circulam pelo Rio Grande do Sul desde 2011, “fazendo mapeamento em 360° das ruas. Apesar da empresa não divulgar a rota prevista – para que as ruas sejam retratadas da forma mais natural possível –, é difícil que a passagem do carro colorido e com um conjunto de câmeras acopladas no topo passe despercebida. A proposta é mapear todas as ruas do maior número possível de municípios. A cada 10 ou 20 metros, as informações das câmeras são recolhidas e analisadas por um software, que identifica as semelhanças entre as imagens e monta uma colagem em 360°, no formato de uma bolha. <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2011/06/google-street-view-entenda-como-funciona-o-mapeamento-das-cidades-3360631.html>.

³⁶ As fotografias foram capturadas em dias, horários e lugares aleatórios. Cabe ressaltar que no turno da noite apenas a zona urbana do bairro-balneário foi alvo dos registros, especificamente, nos dias em que acontecia o “Cassinão de futsal”, na Praça Didio Duhá.

transporte usado; 2) demasiada preocupação com as arquiteturas em detrimento das relações (esse ponto será tratado posteriormente).

O primeiro ponto, como já anunciado durante o mapeamento, condiz ao meio de transporte usado para a produção dos dados, ou seja, enquanto o *Google Street View* produz as fotografias a partir de automóveis, aqui, foi uma bicicleta o meio utilizado. Vale ressaltar que, a bicicleta como meio de transporte se mostrou eficiente em vários aspectos, cito a facilidade em estacioná-la ou, diria, em termos mais coesos com o processo de campo, largá-la, frente ao manuseio, ora da câmera fotográfica, ora do papel e caneta, no intuito de produzir os registros.

Esses registros, em uma compilação inicial, totalizaram 215 fotografias e algumas escritas em folhas de papel, contendo, principalmente, anotações referentes às falas dos ocupantes dos lugares que visitei. As anotações e fotografias, após chegar em casa e transpassar para o computador, deram forma a quatro arquivos intitulados “prancha de bordo”, salvos, juntamente, com as datas³⁷ das saídas a campo.

Outro ponto interessante a ser frisado em relação às fotografias diz respeito ao processo de captação das imagens, especialmente, a partir das conversas com os ocupantes presentes nos espaços em dias que realizava a produção dos dados. Destaco aqui, a inserção em meio a um grupo de praticantes de skate e BMX em uma ida à Praça Didio Duhá em que, depois de cerca de meia hora no local e algumas observações, inquietava-me as “indiretas” sobre às anotações que fazia: “acho que tá escrevendo uma carta de amor!”; “não, não é um poema, deve ser um poeteiro!”.

Entre os risos que surgiam em meio aos comentários fui, aos poucos, inserindo-me no grupo, interpretando aqueles dizeres como um convite a uma conversa e, logo, apresentei o que tentava desenvolver com aquelas anotações: “estou realizando uma pesquisa e interessa-me produzir mapas das práticas que acontecem no Cassino”. A conversa tomou ritmo com a explanação de um praticante, corrigindo-me quando me referia as suas bicicletas com o termo “light”, a qual, segundo ele, eram modelos mais pesadas que as BMX, as quais faziam uso, enfatizando, principalmente, a questão do peso das lights e a influência desse fator na dinâmica dos saltos característicos do BMX. Em suas palavras, “nas light os quadros são ferrão (ferro), essas aqui são de carbono”.

³⁷ 02/01/2012 – segunda feira; 13/01/2012 – sexta-feira; 11/01/2012 – quarta-feira; 16/01/2012 – segunda-feira.

Nesse contexto, as explicações por sua vez se estenderam a toda uma mobilização por parte daqueles praticantes em construir obstáculos³⁸ para que pudessem desempenhar alguns saltos demonstrativos. Em meio a essas demonstrações, pedi para “tirar” algumas fotografias. Se quando produzia as imagens tinha como foco as improvisações de obstáculos feitas por aqueles praticantes, durante a compilação dos dados, eram seus dizeres que criavam sentidos, no momento em que buscava descrever as práticas que ocorriam nos espaços da Praça Didio Duhá, especificamente, no mapa 3 desse trabalho.

Por outras palavras, as conversas com os praticantes do skate e BMX, somadas às observações de partidas do basquete e dos campeonatos de futsal que também aconteciam na “canchinha”, apontava-me ao delineamento de disputa naquele espaço. Entre esses traços, os lugares ocupados, ora pelos praticantes do skate, ora pelo dos BMX potencializavam algumas conexões ao mapeamento, primeiramente, através da Avenida Rio Grande e algumas de suas calçadas, as quais eram ocupadas através do Skate e BMX. Essas ocupações, forçavam-me uma interlocução com o campo do urbanismo, através de Jane Jacobs (2000) quando esse autora questiona uma finalidade (fixa) ao uso das calçadas e ruas, o que, por sua vez, tornava produtivo o pensar as próprias ocupações as quadras da “canchinha” através da delimitação entre as práticas (Skate e BMX) não limitadas as demarcações para jogos de basquete e do futsal.

Nesse sentido, eram as relações de disputas produzidas não somente na “canchinha”, como em diferentes lugares do Cassino que potencializavam algumas conexões, conseqüentemente, fazendo emergir mapas de delimitações moventes identificadas nos registros compilados no verão 2011/2012. Por outras palavras, os espaços das calçadas da Avenida Rio Grande, como também, o bicicross e a ciclovia da Avenida Atlântica e a Rua do Riacho, ao direcionar-me para a praia, interessavam-me menos pelas dimensões que demarcavam suas arquiteturas e mais pelas relações produzidas pelas ocupações aos espaços e as respectivas disputas entre as práticas nesse processo de ocupação, o que por sua vez me fazia indagar: que práticas e espaços constituem essas disputas na beira da praia? Como e quando essas disputas ocorrem durante as ocupações da praia durante o veraneio? Nessa esteira, como mapear as

³⁸ Os obstáculos foram construídos com os skates dos praticantes que lá estavam. Nesse momento, relatavam-me que haviam obstáculos próprios, confeccionados por eles, e utilizados naquele local. No entanto, no início do veraneio, funcionários da SEC haviam retirado os obstáculos da praça, levando-os para sua sede.

disputas entre práticas e espaços na orla do Cassino cuja a principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares?

Frente a essas perguntas aproximava-me da noção de rede³⁹, a qual, segundo a perspectiva adotada de Kastrup (2003)

pouco importa suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e bifurcação. Por isso, a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões e não numa lógica das superfícies (2003, p. 53).

Essa conexão com as demarcações moventes em detrimento à configuração arquitetural fixa do espaço, através da imbricação com a noção de rede, conectada à dinamicidade da praia no que se refere às ocupações que lá aconteciam no verão, potencializava a vontade de dedicar esforços a um mapeamento daquele lugar. Para tanto, ao adentrar na orla na temporada 2012/2013 uma nova estratégia para a captura de imagens foi delineada. Aludo à adaptação em um suporte para a cabeça da câmera de vídeo⁴⁰, que habitualmente utilizo para surfar.

Dessa maneira, o intuito foi penetrar no interior das relações produzidas pelas disputas entre as práticas que aconteciam na orla do Cassino. Assim, somavam-se as diferenças no quesito meio de transporte em comparação aos automóveis utilizados pelo *Google Maps*, uma intencionalidade, isto é, maior atenção as arquiteturas relacionais produzidas pelas disputas entre as práticas e os espaços a beira mar. Como produto dessas pedaladas com a câmera de vídeo, somavam-se aos dados produzidos no verão 2011/2012, duas horas de gravação em duas saídas a campo⁴¹.

³⁹ A noção de “rede”, segundo a perspectiva apresentada por Kastrup (2003) é oriunda da topologia que, ao contrário da geometria, focaliza apenas, no objeto estudado, suas propriedades mais simples, e por isso mais dramáticas, desconsiderando uma série de fatores, como medidas de largura, altura ou profundidade. Por isso a topologia não precisa recorrer a álgebra, como faz a geometria. Por isso, também, seus objetos são ditos de geometria variável. A rede é um desses objetos. O que aparece nela como único elemento constitutivo é o nó” (2003, p. 53).

⁴⁰ Refiro-me à câmera digital GO PRO, a qual, junto a um suporte próprio para seu acoplamento na cabeça, permitiu-me captar imagens ao mesmo tempo em que pedalava. Por não possuir visor para o enquadramento manual entre o olhar e o contexto gravado, procurei posicionar o suporte com a câmera no centro da testa, tendo como noção focal os olhares que lançava às práticas e aos espaços. A intenção foi produzir imagens que me auxiliasse na aproximação com as disputas expressas nas diferentes formas de ocupação da orla, ora ligadas às práticas ora aos espaços. Após transpassar o vídeo ao computador, pude constituir o enquadramento das imagens através de cortes ao longo da gravação.

⁴¹ As datas em que realizei essas saídas de campo foram 30/12/2012 e 13/01/2013, ambas no domingo, dia em que geralmente se intensifica as ocupações à beira mar durante o veraneio.

Vale ressaltar que, na temporada de veraneio 2012/2013, os principais percursos, no bairro-balneário, foram a Avenida Atlântica, a Rua do Riacho até os arredores do antigo Terminal turístico, na orla. Retomar esses caminhos, com essa nova estratégia de captação de imagens, acontecia com o intuito de uma aproximação as demarcações moventes, como, por exemplo o trânsito das “barras fortes” em distintos espaços do Cassino. Cabe ressaltar que a atenção ao espaço a partir de delimitações das próprias práticas foi, potencializada, sobretudo, no trabalho de Michel Foucault, para o qual não interessa saber, segundo Albuquerque Junior (2011):

como um dado espaço exerceu influência sobre os homens, como esse teria pretensamente expresso neles suas marcas, antropogeografia, mas o que sempre o interessou foi como se opera a divisão, o corte; como se traça a fronteira, o limite, como se diferencia o que é centro e margem; que deslocamentos, que articulações entre poder e verdade rearrumam as configurações espaciais, num dado momento (2011, p. 104)

E, seguindo essa pista do trabalho foucautiano, ao poucos, comecei a perceber vestígios potentes ao delineamento desse estudo, no próprio processo empreendido para a produção dos dados, isto é, se no verão 2011/2012 em meio a orla, a produção de dados em imagens, por exemplo, centravam-se em observações a partir das vias automotivas, nas quais entre outras coisas registrava os cordões de areia e as placas que delimitavam algumas práticas permitidas e proibidas correspondentes ao uso do mar, no verão de 2012/2013, ao seguir as “barras fortes” e acompanhar os processos de ocupações que se efetivavam no interior das zonas delimitadas pelos cordões de areia, outras práticas tornavam-se possíveis de serem mapeadas, relevando importância, contudo, ao trato procedimental para a produção dos dados imagéticos na orla.

Essas delimitações ligadas as imagens e, associadas às disputas, agora, não vista somente pela ótica da dinamicidade das práticas, como também dos espaços, faziam-me pensar a beira da praia do Cassino, em vista, sobretudo, a possibilidade de suscitar, através do processo de produção dos dados imagéticos e a respectiva articulação com essa escrita, a potência da demarcação através de palavras através do exercício de escrever para o mapeamento daquele lugar. Por outras palavras, na orla, as fotografias e mapas produzidos, ao mesmo tempo em que me permitia acessar as demarcações moventes que aconteciam a beira mar do Cassino, faziam-me na configuração desse texto, fixar a dinamicidade das práticas e espaços através dos dados imagéticos, o que por sua vez forçava-me a pensar a produtividade movente da escrita no mapeamento,

também imbricada as disputas entre as práticas e espaços, relativas menos a orla, já que, imbricada a produção do presente mapeamento, menos geográfico e mais relacional.

Nessa esteira, atrelo a essas análises as considerações de Kirst (2003)⁴², quando salienta que “dar sentido ao ambiente, pela imagem, é mensurar as mensagens contidas nesse signo, estancando as derivações virtuais através do encontro de certa textura que se torne o equivalente discursivo para a rede apresentada” (2003, p. 50), sendo, nessa perspectiva, as delimitações escritas que configuram esse texto a partir das disputas entre as práticas e espaços, à textura da rede tecida na orla. Além disso, as escritas vistas em alguns fragmentos textuais, sob posicionamentos enquanto praticante do surf daquela praia, tornam os textos imagéticos potentes ao pensamento, já que, não reduzem-se ao surf, visto o esboço de um conjunto de práticas e espaços que, através de suas demarcações também constituem os verões no Cassino.

Nesse contexto, como expectador das imagens, com Kirst (2003), aponto para um jogo de “saber-poder” envolto ao posicionamento enquanto surfista naquela ocasião, especialmente, quando essa autora dialoga com Foucault, para o qual, segundo ela: “o ver e o falar compõe o território em que o saber é operado. Já o poder se produz bem na separação entre o olho e a palavra” (2003, p. 50).

Dito de outra maneira, nesse território que nos fala Kirst (2003), o surfista já não surge estereotipado ao mar como “o” lugar de suas encen(ações), tão pouco reservado a descrever o interior das relações que poderiam relevar a delimitação do surf como objeto e dos surfistas como sujeitos da pesquisa, uma vez que, misturada àquela condição, tornava-se latente uma postura enquanto pesquisador, frequentador da praia do Cassino e, assim, aberto às possibilidades de discussão relativa às diferentes práticas que na orla aconteciam. E assumir esses diferentes posicionamentos, estabelecendo conexão a uma série de outras práticas, tornou-se, sobretudo, uma postura estratégica para a construção das imagens e, respectivamente, para produzir a rede de relações imbricadas ao mapeamento (não só imagético, mas escrito) visto que, como bem alerta Foucault (2009):

⁴² No artigo *Redes do Olhar* (2003), Patrícia Kirst discorre, entre outras coisas, sobre o caráter textual das imagens, as quais, segundo a autora, são “textos imagéticos”, à medida que consideramos a intencionalidade narrativa imbricada nas “escolhas” ligadas a seu processo de produção (sequencialidade, enquadramento, tomada, objetos central e objetos periféricos, posição de captação, notas, horizontalidade ou verticalidade, desfocagem etc.) e visto o sentido cultural que essas opções traduzem.

não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de serem sobrepostos (FOUCAULT, 2009, p. 414).

Por outras palavras, diante o presente mapeamento na orla do Cassino, os lugares em disputa entre as práticas já não possuem uma configuração estática no que diz respeito às demarcações relativas às especificidade de uso, como, por exemplo considerar a praia como sinônimo do surf ou prática realizadas no mar, já que a multiplicidade de práticas que na orla acontece, tornam perigosa essa afirmação, visto as possibilidades que as distintas demarcações efetivam, colocando, respectivamente, em xeque a produção de “uma” verdade, visto, sobretudo, às disputas entre as práticas e espaços que, movimentam, ora na produção de imagens ora pela da escrita, as demarcações espaciais aqui apresentadas. Nesse sentido, esse movimento deflagrado pelas demarcações entre práticas e espaços na orla, coloca-me ao encontro de Kirst (2003), quando salienta que a “verdade” produzida pela imagem:

não repousa nem sobre o referente nem tão pouco sobre o construtor de imagens, mas no espaço entre ambos. Neste espaço, intermediado por intensidades de atração, é que se dá o ato criativo. A imagem se produz no *intermezzo*, sendo uma tecnologia de encontro (p. 49).

Por outras palavras, frente à produção das demarcações com imagens, assim como a escrita que também compunha a “prancha de bordo”, não existe uma “verdade” fixada em uma fotografia, mapa ou palavra. Seus usos correspondem a uma parte do processo textual, ora com foco nas práticas ora nos espaços. Poderia dizer que a “verdade” suscitada nas imagens e nas palavras referente às práticas e espaços referentes a orla está ligada às possibilidades de produção imbricadas à difusão das relações que as conjugam, a partir das conexões/perguntas que emergiram do mapeamento do Cassino até a produção desse texto.

Nesse sentido, a própria configuração das perguntas que mobilizaram toda uma investida tanto para a produção dos dados na orla, imbricada, a articulação teórico-metodológica referente a “rede” estratégica difusa em imagens, auxilia-me pensar a configuração de um espaço que se constitui através das próprias estratégias empreendidas para a produção dos dados. Ou seja, nesse processo, torna-se importante reforçar que a mudança de procedimento do verão de 2011/2012 para o verão de 2012/2013 não corresponde a uma preocupação temporal (período) do estudo, visto que a própria delimitação do como produzir um mapeamento menos detido ao geográfico e

mais atento as relações delimitadoras do presente mapeamento, surgia como um problema de pesquisa: como mapear as práticas e espaços em disputas na orla do Cassino cuja a principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares?

Essa delimitação relativa à distinção entre estudo de um período e tratamento de um problema de pesquisa foi potencializada por pistas também advindas do trabalho de Foucault (2012), o qual busca distinguir essas duas estratégias investigativas. Se estudar um período, para Foucault, demanda “tratamento exaustivo de todo o material e equitativa repartição cronológica do exame” (p. 319), tratar de problemas, demandaria outras regras, as quais circundam: “escolha do material em função dos dados do problema; focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-los; estabelecimento das relações que permitem essa solução” (FOUCAULT, 2012, p. 319).

Nessa esteira, se por um lado o não tratamento de “todos” os dados relativos às investidas no verão de 2011/2012 afastou-me do que poderia concernir nesse trabalho, o estudo de um período, por outro lado, a escolha da noção de “rede” em função das demarcações moventes das práticas e espaços em disputa na orla, potencializava o tratamento das indagações que fazia, enquanto um problema, conforme a primeira regra apontada por Foucault (2012) apresentada no parágrafo anterior, relativa a escolha do material em função dos dados do problema. Além disso, é seguindo as outras duas regras que me dedicarei à análise, focada, cabe ressaltar, aos dados produzidos no espaço da orla.

Nesse sentido, ao concentrar atenção aos dados produzidos na orla outras noções foucaultianas emergem imbricadas a considerações das demarcações movente (palavras) em detrimento a fixidez no interior de algumas delimitações imagéticas, como, por exemplo as placas que constituem um investimento diário da administração municipal, a fim de organizar naquele espaço a população que aumenta durante o veraneio. Ou seja, a própria ocupação da orla através das práticas relativas as enunciações das placas, quando não se restringiam as áreas delimitadas para seu acontecer, como, por exemplo as ocupações dos velejadores aos Molhes da Barra, tornavam-se um suporte potente para pensar essa escrita também como uma prática não restrita a uma delimitação que seria essencial, como, por exemplo nesse texto as imagens, o que por sua vez, remetia-me a noção de “poder” foucaultiana.

Primeiramente, algumas considerações aquela noção adveio de pistas lançadas por Albuquerque Junior (2011), ao salientar que para aquele filósofo o poder “é imanente a todas as demarcações espaciais que nasceriam das relações de poder, sendo fruto dos enfrentamentos históricos entre forças divergentes” (2011, p.104). Nessa perspectiva, identificava o quão potente era esses enfrentamentos de forças, entendidos nesse trabalho através das disputas entre práticas e espaços ora à beira mar, ora textual, visto suas produtividades na constituição dessa investigação e do próprio veraneio do Cassino, quando em conjunto através de demarcações moventes são produzidas partes das paisagens daquele espaço no verão.

Nesse sentido, as práticas mapeadas na orla e que serão discutidas adiante nessa análise, nas próprias disputas para suas realizações tornavam-se produtivas através das demarcações espaciais efetivadas por suas ocupações. Por outras palavras, eram as relações de poder imbricadas nas disputas entre as práticas e espaços que ajudavam-me a estabelecer as relações que constituem, nesse trabalho, uma arquitetura relacional da orla do Cassino através das demarcações moventes.

Nesse sentido, o conjunto de práticas e espaços que constituem essa arquitetura relacional, forjada pelas disputas enquanto relações de poder, imbrica-se, principalmente, a uma concepção política atrelada ao agir acadêmico científico inspirada nas teorizações de Michel Foucault, já que, sua noção de poder tornou-se importante para o desdobramento das análises, uma vez que não possui uma essência que o determinaria enquanto objeto ou coisa, a função entrelaçada ao “poder” estaria especialmente conectada à resistência a um determinismo objetual. Nesse trabalho, essa resistência a um determinismo referente ao objeto de análise, pode ser vista, por exemplo, aos esforços de não considerar como práticas relativas a orla, somente aquelas ligadas ao mar, bem como expresso pelas delimitações (em placas) pelo poder público municipal. Essa resistência, nas palavras de Foucault (2013) “não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea” (p. 360).

Por outras palavras, o “poder”, para Foucault, assim para o que tange esse trabalho, não estaria ligado a uma estrutura unitária relacionada, por exemplo, a administração municipal da orla que poderia corresponder a um viés fixo (legislativo) de análise, uma vez que “está em toda parte, não porque englobe tudo, mas porque

provem de toda parte” (FOUCAULT, apud DELEUZE, 2005, p.56). Ou seja, o poder é difuso, muito mais que regido ou fixo por/a uma instância hierárquica que o centralizaria.

Foucault (2002) ainda alerta para um cuidado com a própria noção de resistência, a qual, para o filósofo, deve ser móvel, inventiva, produtiva em sintonia com o poder e “como ele, venha de ‘baixo’” (p. 360), ramificando-se de maneira estratégica. Sobre isso, o autor salienta:

não coloco uma substância da resistência face uma substância do poder. Digo simplesmente: a partir do momento em que há relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2013, p. 360).

Diante disso, um adendo interessante a demarcar é que para Foucault (2013) quando se considera o poder como força motriz da história, não se trata de uma classificação teórica que corresponda a uma instância localizável e generalizável a todo campo social. A pista que disso surge está ligada à possibilidade de considerar o poder enquanto força inventiva, traduzido por lutas específicas em um contexto determinado, que já não pode mais ser vinculado a uma organização unitária, visto a própria difusão do poder ao interior das relações sociais.

Nessa perspectiva, é que as relações de poder, enquanto disputa entre as práticas e os espaços da orla do Cassino, emergem como potentes ao mapeamento, especialmente, ao se constituírem como lutas específicas, que através de demarcações próprias produzem aquele espaço, contemporaneamente, durante o veraneio. Essas disputas/lutas entre as práticas enquanto força movente do mapeamento, são potencializadas pela não limitação a dois pontos, inspirados nas teorizações de Foucault: 1) ao determinismo/centralidade das estruturas arquitetônicas como demarcações fixas em detrimento ao que nelas ocorre; 2) a uma classificação/categorização das práticas, em vista às conexões possibilitadas pelos próprios enfrentamentos por elas efetuados.

Nesse contexto, não apenas o espaço da orla é produzido frente aos movimentos empreendidos no processo de mapeamento, visto que as práticas também produzem subjetividades atreladas a modelos de ser sujeito, quando exercidas diante os processos de ocupação à beira da praia. Frente a essa questão, Félix Guattari (2012), ao

falar *Da produção de subjetividade*, ajuda-me a fundamentar as estratégias que utilizo para a sistematização dessa noção, especialmente, quando me possibilita uma leitura da subjetividade não como algo essencialmente interior (alma, subjetivo) em oposição a algo exterior (corpo, objetivo). A subjetividade, portanto, é assumida em sua processualidade como

o conjunto de condições que torna possível que instâncias individuais e ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva (GUATTARI, 2012 , p.19).

Inicialmente, para dar conta dessa noção de subjetividade proposta por Guattari (2012), destaco o entendimento de “coletivo” para o autor, especialmente ligado à presente análise, pela proximidade com a noção de rede a que se conectavam às práticas mapeadas no Cassino, já que “se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais que uma lógica de conjuntos bem circunscritos” (GUATTARI, 2012, p. 19). Nessa esteira, a noção de coletivo emaranha-se a todo um envolvimento que circundava tanto o mapeamento das práticas ligadas às relações travadas no Cassino, como também, pelas discussões e estratégias acadêmicas que me envolvia a fim de produzir os dados.

Um exemplo das estratégias salientadas acima, concerne ao uso do *Google Maps*, visto a possibilidade de, ao utilizá-lo, pensar o que Guattari (2012) aponta como parte não humana da subjetividade ligada, por exemplo, à “recorrência ao trabalho no computador” (p. 20) que, nesse trabalho, conecto a produção das imagens dos mapas, enquanto texto, à ordem das palavras. Dessa maneira, os mapas, assim como as fotografias e as escritas, surgiam como condições de produção da subjetividade, especialmente, pelas demarcações espaciais produzidas frente a tarefa de mapear, visto que, como alerta Guattari (2012), “cada individuo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas” (p.21)

Esse encontro com algumas ferramentas da “prancha de bordo”, enquanto um procedimento de registro da emergência das demarcações espaciais potentes a possibilidade de pensar a produção de subjetividade através das práticas em disputas pela delimitação dos espaços na beira da praia do Cassino até o presente texto, força-me a algumas ponderações. Ou seja, cabe deixar claro frente ao uso dessas ferramentas

constituintes da “prancha de bordo” que, não se trata de estatiza-las (as ferramentas) no sentido de objetivá-la (a prancha) com a pretensão de, nos mapas, fotos e escrita, expressar com exatidão sua composição, tornando àquelas ferramentas um caminho seguro para compreendê-la. Por outras palavras, tomo àquele procedimento como uma escolha estética, atendo, sobretudo, a possibilidade de produzir efeitos, possibilitadores de novos processos, engajados à produção de subjetividade no sentido de, como alerta Guattari (2012) “apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual” (GUATTARI, p. 23) ligada, nesse trabalho, sobretudo, à produtividade da escrita enquanto uma relação de poder (e, portanto, móvel), frente ao modo como se produz na correlação a outras ferramentas (fotografias e mapas) de mapeamento no Cassino.

Esses posicionamentos, frente às práticas mapeadas, não reduzidas, como visto, às relações ligadas ao surf, o qual inicialmente inspirou a edificação da “prancha de bordo”, força-me a pensar o sentido de resistência, anteriormente pensada a partir do cuidado em não essencializar ao espaço do mar as práticas ligadas a orla, também ao que condiz, o que estou chamando de prancha. A resistência, portanto, esta ligada ao engessamento a um modelo universal, homogêneo, formatado em uma estrutura e, assim, aplicado em qualquer lugar independente do contexto de suas ocupações, já que, a prancha desse trabalho corresponde muito mais aos movimentos produtores e produzidos pelos efeitos imbricados as ferramentas (a escrita, por exemplo) a bordo dela, do que propriamente uma estrutura com delineamentos fixos (como as fotografias). Com isso, refiro-me à possibilidade de elaboração de subjetividades, não sujeitadas a modelos pré-estabelecidos, em sintonia por exemplo, com o acontecer das práticas e espaços na orla do Cassino.

Nesse sentido, os conteúdos do mapeamento abrem-se a pistas interessantes para pensarmos a produção de subjetividade em uma aproximação a algumas considerações de Michel Foucault a respeito dessa temática, especificamente, ao seu pensamento tardio, bem como traz à tona Portocarrero (2009), referindo-se aos escritos que, segundo ela, “Foucault volta-se para o problema da relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com a verdade, a partir da concepção de vida como obra de arte” (2009, p. 237), estudada por aquele filósofo, segundo a autora, por meio de uma “genealogia do homem do desejo”, em que são pesquisados

os modos de problematizar a autoformação do sujeito e sua permanente autotransformação nas escolas da Antiguidade greco-romana, a partir da noção

de poder como campo estratégico de relações móveis e transformáveis, domínio analisado como o da governamentalidade (PORTOCARRERO, 2009, p. 237).

Ademais, ao discorrer sobre o domínio da governamentalidade, Portocarrero (2009) salienta a não limitação, operada por Foucault, a uma “preocupação com a questão da gestão governamental do Estado, mas pelo problema do governo de si e dos outros, do cuidado de si e dos outros e suas tecnologias” (2009, p. 237). Nesse sentido, o que surge como potencial a ser articulado a essa pesquisa, diz respeito à própria difusão das práticas e dos espaços ao longo da orla da praia do Cassino, isto é, ainda que lugares “estatais”, demarcados pela administração municipal, fossem mapeados em vista a exercerem influência sob algumas práticas e determinados espaços à beira mar, outras práticas, como as escritas desse texto, ao produzirem suas próprias demarcações, moventes, forcem-me a articulá-las à governamentalidade foucaultiana.

Nesse sentido, as demarcações subjetivas, entendidas enquanto processo de mapeamento de práticas e espaços, ao desviar-se de um modelo pré-estabelecido institucionalmente (um método) e, de um poder fixo expresso pelas sanções estatais determinantes das delimitações de placas pelo poder público, responsável pela organização da orla no veraneio, esboçam modelos que, em suas demarcações moventes, também, constituem o espaço à beira mar no verão. A experiência com a pesquisa a bordo dessa “prancha”, ao mesmo tempo que me permitia ter posicionamentos frente à tarefa do mapeamento, acarretava, o desvio de uma leitura identitária, a de surfista por exemplo, que, poderia fixar/essencializar o próprio processo de mapeamento.

Nesse sentido, coaduno-me com Portocarrero (2009, p. 240), quando aponta para a “injunção foucaultiana de imaginar e construir o que poderíamos estar nos tornando”, ao invés de uma “descoberta daquilo que somos”, já que, essa última ação poderia paralisar-me na “estrutura de poder moderno”, descrito, pela autora, como uma “relação de violência”, já que: “uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, destrói; ela fecha todas as possibilidades” (DREYFUS & RABINOW apud PORTOCARRERO, 2009, p. 240).

Portocarrero (2009) acrescenta que paralelas a uma “relação de violência”, as relações de poder são da “ordem do governo”, a qual em um sentido restrito foi pouco a pouco governamentalizada, ou seja, “elaboradas, racionalizadas, centralizadas na forma

do Estado ou sob sua caução” (p. 243). No entanto, é o sentido mais amplo da governamentalidade foucaultiana que interessa a esse mapeamento, agora, menos geográfico e mais interessado naquela noção, visto que Portocarrero (2009) lança uma pista interessante ao dirigir-se ao livro *A hermenêutica do sujeito*, já que, nele, a “governamentalidade” é entendida por Foucault:

em seu caráter cambiante de relações estratégicas de forças móveis, transformáveis e reversíveis. Nessa perspectiva, as relações de poder passam, teórica e praticamente, não por um sujeito de direito, um sujeito-identidade, mas por um sujeito definido pela relação de si para consigo mesmo (2009, p. 243).

Na leitura a essa “relação de si para consigo mesmo”, articulada, nesse trabalho, aos próprios delineamentos da pesquisa a bordo de uma prancha, não fixada a uma prática (surf), a um espaço (mar) e, tão pouco a um sujeito-identidade (surfista), em vista a um conjunto de demarcações moventes produzidas na orla do Cassino e, respectivamente nessa escrita, é a noção de *atitude* que potencializa pensar a presente pesquisa em sua atualidade, ou seja, menos regida por uma estratégia metodológica/procedimental fixas e mais como atitude. Nesse contexto, não tenho a pretensão de, assim como fez Foucault, dedicar-me, ou expandir essa pesquisa ao pensamento da Antiguidade greco-romano, especialmente, ao “êthos” filosófico daquele período em que o autor inspira-se para constituir sua noção de atitude, uma vez que, bem como salientei anteriormente, não tenho a pretensão de estudar um período e sim um problema de pesquisa: como mapear as disputas entre práticas e espaços na orla do Cassino, cuja a principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares?

Nessa esteira, assumo a presente pesquisa associando o interesse pela atualidade, ao perceber sentidos com as teorizações de Foucault (2013) quando discorre sobre a modernidade não como um período e, sim como “atitude”, isto é:

um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam de êthos (2013, p. 358).

Para melhor localizar essa noção que Foucault (2013) chama de “atitude de modernidade” a que alio esse trabalho, vejo interessante aproximar também as análises a que aquele filósofo recorre para essa proposição, ligada, sobretudo, à problematização da atualidade, a qual fazemos parte, colocando, em xeque, por exemplo, a dualidade

que, segundo ele, sucedeu historicamente a formulação da “questão da modernidade”: “não mais em uma relação longitudinal com os antigos e, sim, no que se poderia chamar uma relação “sagital” com sua própria atualidade” (2011, p. 261). Na tentativa de pensar a presente pesquisa a partir dessa relação “sagital” a que nos fala Foucault (2011), a própria noção de subjetividade, pensada anteriormente, enquanto um processo e, portanto, não fixa a um par dual (sujeito x objeto) surge como potente para pensar a atualidade desse estudo.

Dito de outra maneira, ao pensar a subjetividade enquanto um processo potencializado pelas demarcações moventes entre prática e espaços em disputa na beira da praia do Cassino e, na escrita que tange esse estudo, portanto, não estáticas a uma demarcação fixa até mesmo ao que concerne a posição enquanto praticante do surf no Cassino, visto os posicionamentos enquanto frequentador daquela praia e também pesquisador. Ou seja, esses posicionamentos, imbricados, aos distintos focos acionados no mapear a orla, surgem como potentes para pensar essa relação “sagital” que nos fala Foucault (2011). Especificamente, nesse trabalho, enquanto uma anatomo-geografia em que os cortes anatômicos acontecem através de posicionamentos no espaço, nesse caso, através da orla do Cassino e até a presente escrita.

Esse corte anátomo-geográfico através de posicionamentos, em seus efeitos na própria sucessão dos práticas do mapeamento geográfico até a presente escrita, torna-se produtivo ao consideramos os diferentes focos emergidos das demarcações no interior do atual processo de delineamento, em que pese o próprio problema delimitado ao adentrar a praia: como mapear práticas e espaços em disputa na orla do Cassino, cuja a principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares?

Em vias de analisar algumas dessas demarcações moventes, primeiramente, trago para discussão a prática das já citadas “barras fortes”, quando e como produzem subjetividade? Primeiramente, enfatizo o próprio processo de delimitação daqueles que frequentam o Cassino, ou seja, imbricado àquele modelo de bicicleta é possível perceber modos de existir enquanto sujeito através dos espaços daquela praia, seja como pescador, como morador, como veranista/turista, entre outros, os quais não permitem um engessamento analítico relativo aos modos de se produzir sujeito na orla do Cassino,

bem como acontece com a homogeneização do termo referente as formas daquele modelo de bicicleta.

Além disso, as práticas ligadas ao mar também surgem como potencial na produção de subjetividade. Como? Através das disputas por espaços, ao que refere-se as interferências das ocupações fora do mar, como percebe-se nas disputas efetuadas pelos pescadores e *kite surfers* da zona ao lado dos Molhes da Barra, bem como a relação dos surfistas com os turistas na zona do antigo Terminal Turístico. Esses exemplos, frente as demarcações moventes entre práticas e espaços produzem subjetividades quando não limitadas a especificidade que poderia corresponder a estrutura “em si” daquelas construções, isto é, respectivamente, uma suposta improdutividade que poderia estar ligada as ruínas de pedras que constituem hoje o Terminal Turístico e, a entrada dos navios ao Porto de Rio Grande referente aos Molhes da Barra, já que, os processos de ocupação, por exemplo, da zona do Terminal através das bicicletas e, dos Molhes pelos velejadores e pescadores, produzem subjetividades no próprio acontecer daquelas práticas naqueles lugares a partir de seus enfrentamentos.

Além disso, em meio aos Velejadores (*Kite e Wind surf*) e Supistas (SUP), a distribuição dos próprios equipamentos na orla potencializam, a produção de subjetividade na beira mar do Cassino, especificamente, através de dois enfoques distintos, ligados a não limitação do acontecer daquelas práticas no mar. Primeiramente, através das disputas vistas enquanto demarcações na areia e a respectiva produção de delimitações de zonas, frequentemente ocupadas por aqueles grupos, como, por exemplo, a já citada zona do Terminal Turístico. Em um segundo momento, a produção de subjetividade ligada aquelas práticas (especialmente, ao *Kite* e ao *Wind surf*) pode ser pensada, na perspectiva de não limitação ao mar, através da criação de “carrinhos” com rodas adaptadas para a areia que, na adaptação com a pipa e a vela possibilitam pensarmos um “velejar na areia”.

Além disso, essa adaptação da pipa e da vela em “carrinhos” que potencializam o “velejar na areia”, força-me a pensar os próprios meio de transportes a beira mar enquanto um processo de produção de subjetividade, ligada, especificamente, a não limitação de tráfego essencialmente de banhistas na beira da praia, como acontece em outras praias brasileiras (e mundiais), visto, especificamente, a possibilidade de tráfego de veículos na orla do Cassino. Nesse processo, a ocupação dos carros na beira

da praia, potencializa pensar a produção de subjetividade, especialmente quando são usados como suporte aos equipamentos de algumas práticas visto o deslocamento para suas realizações em distintos lugares da orla.

Dito de outra maneira, além de produzir subjetividade na própria ocupação a um espaço tido, se comparado a outras praias, como impróprio para seu trânsito, os carros, tornam-se produtivos também enquanto (e através de) suporte dos equipamentos como as pranchas, velas e pipas quando acopladas nos tetos⁴³ ou reboques engatados nos veículos. Nessa esteira, aqueles equipamentos não se limitam a produzir subjetividade apenas nas disputas efetivadas em suas distribuições a beira mar, bem como visto no mapeamento, já que produzem subjetividade no próprio processo de ocupação, através dos automóveis as zonas na orla que delimitam a realização daquelas práticas, como a já referido Molhes da Barra.

Nesse sentido, os surfistas também produzem subjetividade através dos processos de ocupação, especificamente, quando transportam suas pranchas à beira mar. No entanto, ainda que muitos se desloquem de carros e camionetes, suportes em motos e bicicletas também identificam os pertencentes àquele grupo, isto quando não são seus próprios braços o “suporte”, como quando se deslocam carregando suas pranchas. Dessa maneira, esse pensar os suportes para as pranchas põe em xeque a própria demarcação dos espaços apresentada em alguns dados do mapeamento, no que diz respeito a uma suposta dualidade frente à relação dos surfistas com os turistas, que poderiam corresponder apenas às disputas entre aqueles que são “Cassineiros” e os que “vêm para o veraneio”, descritas no mapeamento através, por exemplo, do sentimento de rompimento de privacidade dos surfistas frente a ocupação dos veranistas na temporada de verão.

Dito de outro modo, os processos de ocupação a beira mar quando destacado os suportes que, adaptados aos meios de transportes a que conectam-se as pranchas por exemplo, criam fronteiras na própria distinção dos “cassineiros” envolvidos com o velejar e o surfar. Nesse sentido, um cuidado a ser apontado diz respeito à linearização em polos dicotômicos sobre a discussão acerca da disputa por espaços entre os

⁴³ Os suportes, em sua maioria, são de fita em que a prancha é posicionada em contato com o carro ou, a fim de reduzir o atrito, coloca-se espuma ou borracha. Em meio aos Wind Surfers circula o termo “sarcófago”, em referência ao suporte utilizado para transporte tanto das pranchas como dos mastros e velas utilizados na prática.

“Cassineiros” e os que “vêm para o veraneio”, visto que, naturaliza-se, dessa maneira, as demarcações ligadas aos suportes dos materiais que efetivam algumas práticas que, apesar de possuírem o mar como eixo comum de realização, produzem delimitações imbricadas as disputa por espaços, no próprio deslocamento na areia, isto é, antes mesmo de entrar no mar.

Nesse processo investigativo, outra noção foucaultiana que surge como potente na articulação aos desdobramentos das análises empreendidas até aqui, referentes ao mapeamento geográfico, diz respeito a ideia de pertencimento, especificamente, quando conjugada à noção de poder que venho trabalhando nessa dissertação ao pensar as disputas através das demarcações moventes. Refiro-me, nesse sentido, as próprias lamentações de Foucault (2013) frente à tomada de uma noção pela outra (pertencimento/poder), quando imbricadas puramente em olhar dualista, já que, frente a isso, o autor lamenta que seu trabalho “só funciona para alguns como sinal de pertencimento: estar ‘do lado correto’” (p. 357).

Para Foucault (2013), não se trata de negar alguns posicionamentos, mas que sejam “para procurar se desprender desses mecanismos que fazem aparecer dois lados, para dissolver essa falsa unidade, a “natureza” ilusória desse outro lado de que tomamos partido” (2013, p. 357), isto é, nesse trabalho, um posicionamento contra a naturalização das disputas entre as práticas e espaços do mapeamento da orla até essa escrita. Essas disputas enquanto relações de poder, não restritas, como visto, as demarcações de um espaço que seria “em si” essencial para as práticas que acontecem na praia, isto é, o mar ao que tange a orla e as fotografias essa escrita, visto que as próprias tentativas de delimitação (fixas) do uso do espaço através de placas na orla e de fotos nesse trabalho, possibilitavam pensar a difusão das disputas quando articuladas as demarcações moventes, como a dos velejadores por exemplo, em sintonia com a direção do vento e as demarcações que efetuam com suas ocupações ao lado dos Molhes da Barra.

Corroborando com a discussão referente a uma fronteira que não limite a uma dualidade esse processo investigativo, outras pistas advindas do trabalho de Foucault (2011) tornam-se interessantes, como, por exemplo, quando propõe uma alternativa genealógica para a “questão da modernidade”, isto é, “tentar fazer a genealogia não tanto da noção de modernidade, mas da modernidade como questão” (2011, p. 261). Nesse sentido que articulo o problema surgido no presente processo investigativo a uma

“atitude”, ligada, através dos desdobramentos advindos das pistas de Foucault (2011), ao processo desencadeado pela questão disparadora do mapeamento da orla que, frente as disputas entre as práticas e espaços, rachava um puro posicionamento enquanto praticante do surf, já que, no pensar a atualidade dessa pesquisa, articulada ao trabalho de Foucault (2011) pensar a posição de pesquisador⁴⁴

não será mais de modo algum a questão de sua pertença a uma doutrina ou a uma tradição, não será mais simplesmente a questão de sua pertença a uma comunidade humana em geral, mas de sua pertença a um certo “nós” referido a um conjunto cultural característico de sua própria atualidade (2011, p. 260).

Nesse contexto, são as práticas mapeadas nesse trabalho que coaduno ao conjunto cultural característicos dos verões no Cassino contemporaneamente, não limitadas a uma pertença doutrinal ao surf, por exemplo, visto a abertura dessa investigação às possibilidades de produção de subjetividade junto às práticas, que como o surf, constituem as demarcações moventes através das disputas na orla daquela praia no veraneio, bem como outros exercícios de pesquisa paralelos a essa investigação. Seguindo as pistas foucaultianas, outras discussões tornam-se possíveis quando Foucault (2013), ao localizar alguns textos do filósofo Immanuel Kant, formula questões (com e sobre Kant) que o ajudam a pensar a filosofia moderna em sua atualidade. Um ponto que destaco das formulações de Foucault (2013), em uma tentativa de articulação também a esse trabalho, diz respeito, ao problema da “crítica”, a qual nas palavras daquele filósofo é

certamente a análise dos limites e a reflexão sobre eles. Mas, se a questão Kantiana era saber a que limites o conhecimento deve renunciar a transpor, parece-me que, atualmente, a questão crítica deve ser revertida em uma questão positiva: no que nos é apresentado como universal, necessário, obrigatório, qual é a parte do que é singular, contingente e fruto das imposições arbitrárias. Trata-se, em suma, transformar a crítica exercida sob a forma de limitação necessária em uma crítica prática sob a forma de ultrapassagem possível (FOUCAULT, 2013, p.364).

⁴⁴ Ao localizar a posição de pesquisador sinto interessante fazer algumas ponderações, já que, esse posicionamento surge como efeito dos próprios movimentos de pesquisa apresentados nesse trabalho, imbricados, portanto, as noções foucaultianas, aqui, especificamente, a do intelectual, a qual Foucault (2013) aponta algumas distinções, questionando, principalmente, um modelo “universal” de escritor pautado no que chama de “jurista-notável”, o qual teria como ponto de partida a “universalidade da lei justa” que, ao evocar a escrita, trata a teoria como determinante para suas análises. Por outro lado, ao que interessa a esse trabalho, está a posição do “intelectual específico”, visto, principalmente na figura do “cientista-perito” que nos fala Foucault (2013), menos preocupado com a “lei” ou “teoria”, já que o interessa são diagnósticos do revezamento entre a prática e a teoria que, nesse trabalho pode ser identificado no entrelaçamento do processo de produção dos textos imagéticos e escritos. Nas palavras de Deleuze apud Foucault (2013) nessa perspectiva, “o intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. [...] Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede” (p. 130).

É no exercício de fazer perguntas que articulo a essa ideia que nos fala Foucault (2013) ao referir-se a uma “crítica prática”, expressa, nesse trabalho, em sua não limitação à exatidão de foco ao objetivo expresso no início do trabalho, tão pouco, limitada a uma doutrina correspondente a uma prática “em si”. As demarcações moventes efetuadas no próprio processo de ocupação a praia e a universidade em vista as prática que nesses lugares aconteciam, ampliam, através desse trabalho, a possibilidade de análises críticas quando não limitadas a delimitações fixas, visto os processos de produção de subjetividade aqui apresentado.

Ao não limitar essa pesquisa a uma doutrina, que, poderia corresponder ao surf, visto ser a prática inspiradora para o termo “prancha de bordo”, outros delineamentos tornam-se moventes na esteira de Foucault (2013), especialmente, ao explorar a noção de “modernidade” a qual aquele filósofo articula a noção de “atitude”. Ou seja, se para pensar essa última noção Foucault toma como suporte o “ethos” inspirado na antiguidade greco-romana, aquela primeira noção é articulada ao trabalho do crítico de arte francês Charles Baudelaire: “a modernidade baudelairiana é um exercício em que a extrema atenção para com o real é confrontada com a prática de uma liberdade que, simultaneamente, respeita esse real e o viola (FOUCAULT, 2013, p. 360).

É a própria “prancha de bordo” que entra na esteira das demarcações moventes do mapeamento, especificamente, em sua não limitação a “uma” definição ligada tão somente a um procedimento estratégico, bem como foi referendada no desdobramento desse estudo. Ou seja, nessa articulação a “modernidade baudelairiana” que nos fala Foucault (2013), a “prancha de bordo” é vista, aqui e agora, como uma “prática de liberdade”. O respeito que exerce ao real parte da tentativa de, na escolha de materiais como as imagens tomadas enquanto texto, estabelecer uma leitura mais coesa possível das práticas e espaços do Cassino, leitura essa que torna-se violada quando, empreendido cortes a um panorama global das práticas e espaços do Cassino, efetivados no trabalho com o computador, isto é: 1) ao longo da gravação dos vídeos com a GO PRO, transformados nos recortes em fotografias; 2) a dimensão global disponibilizada pelo *Google maps*, transformados nos recortes em mapas; 3) através da escrita, transformada nos recortes com palavras em uma tentativa de ordem as conexões com as imagens.

Essa violação através de cortes com vistas a tomar posicionamentos frente a uma totalidade de prática e espaços “reais” que acontecem no Cassino, não deixa de ter sua produtividade quando articuladas as ferramentas citadas no parágrafo anterior, já que, potencializam outras práticas, como, exemplos, o escrever e o editar. Estas práticas difusas a uma espacialidade que comporta delimitações moventes entre textos escritos e imagéticos, torna-se produtiva ao pensarmos essa pesquisa, através da presente textualidade, enquanto um espaço potente ao exercício, por exemplo, da intuição ligada a produção, bem como a percepção imbricada a visualização das imagens articuladas a esse estudo. Esse exercício intuitivo e perceptivo, permitem, entre outras coisas, a problematização da razão enquanto fundadora das práticas e espaços acadêmicos científicos quando, por exemplo, fixa-se a um trato racional com delimitações fixas de um procedimento ou de um método.

Enquanto “atitude” é a não limitação a uma totalidade de práticas a um só espaço que vejo como interessante nesse trabalho, uma vez que, permite pensamos a produção de práticas e espaços em seus efeitos de delimitação não apenas na beira da praia do Cassino, como também, no exercício prático/crítico de delineamento das estratégias investigativas. Portanto, enquanto uma “prática de liberdade” entendida a partir dos desdobramentos internos efetuados através de cortes com as ferramentas selecionadas para o presente estudo, a “prancha de bordo” volta-se muito mais a uma experimentação do pensamento em articulação ao meio acadêmico-científico, do que propriamente um princípio interpretativo (fixo) a ser seguido. Nesse sentido, aceno para a importância em considerarmos as demarcações moventes também dos procedimentos e métodos utilizados na tarefa investigativa, problematizadora da própria prática, sempre inacabada e difusa, visto os efeitos que produz.

Que venham outros olhares

O mapeamento produzido e apresentado nesse trabalho mostra algumas práticas que ocorrem em diferentes espaços do Cassino, ora através de sua dimensão urbana, característica da condição de bairro da cidade de Rio Grande, ora através do olhar a sua orla. Nesse processo de mapear, alguns lugares delimitados para a realização das práticas capturavam-me, menos pela dimensão arquitetônica e mais pelas relações travadas entre elas, forçando-me a pensar as demarcações moventes imbricada ao acontecer dessas práticas em diferentes contextos do mapeamento.

O que aos poucos foi sendo colocado em xeque no exercício de mapear foi uma naturalização das práticas e a ocupação dos espaços produzidos, tomados como dados, ora na zona urbana do Cassino ora em sua região balnear. Se no primeiro contexto as disputas entre as práticas rachavam uma naturalização referentes à delimitação de quadras poliesportivas, ruas, avenidas, pelos usos efetuados nesses lugares, na orla, essas disputas eram potencializadas pela processualidade, ao mesmo tempo, constituinte e constitutiva tanto das práticas como dos espaços que delimitavam suas realizações.

Essas disputas imbricadas as demarcações moventes entre práticas e espaços da orla do Cassino, constituíram, aos poucos, o problema de pesquisa experimentado no processo investigativo: como mapear as disputas entre práticas e espaços na orla do Cassino, cuja a principal característica são as demarcações moventes das relações que ditam as paisagens de seus lugares? Ao perseguir essa indagação, os objetivos iniciais: Quem são os sujeitos que habitam a praia? Quando e como ela é habitada? Que coisas, ligadas à Educação Física (EF), ali ocorrem contemporaneamente? Objetivos esses, relacionados ao projeto de pesquisa que ingressei no PPGEC, foram perdendo força, visto os movimentos do próprio processo investigativo e a formulação do problema ligado a tarefa de mapear a orla.

Nesse processo, o olhar lançado ao Cassino está mais ligado às ocupações nele proferidas, através de práticas, as quais, na conexão com suas disputas por espaços, demarcam modelos de ser sujeito. Imbricando-nos a uma concepção produtiva dessas

demarcações, a partir de um aporte teórico-metodológico foucaultiano, nas ocupações dos espaços com as práticas, o sujeito é produzido ao mesmo tempo em que produz, a partir de posicionamentos, o lugar que ocupa, isto é, se projeta simultaneamente as demarcações que movimentam suas práticas no espaço. Como? Através de relações que estabelecem com outras práticas em suas disputas no e pelo espaço.

A própria questão referente às “coisas” da Educação Física, ao serem pensadas enquanto práticas (moventes) mapeadas na orla do Cassino e, assim, não possuindo um lugar fixo, em vista à dispersão com que se constituem frente as relações de poder, inviabiliza um engessamento enquanto pertencentes “à” Educação Física. No entanto, esse fato, ao meu ver, não impede que sejam experimentadas “na” Educação Física se, por exemplo, não limitarmos essa área do conhecimento como um espaço determinístico para a realização das práticas.

Fixar as práticas como pertencentes “à” Educação Física castraria as possibilidades de relações que estabelecem através das demarcações produtivas aos espaços, como as paisagens de verão da orla do Cassino, mas que não se limitam a isso, já que, nesse trabalho as delimitações no mapear as práticas também produzem o espaço (movente) inicialmente denominado “prancha de bordo” que, por definição, não fixa-se a uma estratégia procedimental e metodológica. O que por sua vez, não descarta o trabalho (com as práticas mapeadas) através daquela área do conhecimento quando, por exemplo, articuladas a produção e divulgação do conhecimento que, na perspectiva local a que se desdobra essa pesquisa, pode ser articulado as intencionalidades do curso de licenciatura em Educação Física da FURG, a partir dos objetivos⁴⁵ expressos no Projeto Político do Curso (PPC).

Adicionalmente, em vista a futuras investigações nos espaços do Cassino, muitas foram as pistas que surgiram e não dei conta de analisar, cito, primeiramente, a chegada dos "imigrantes" de diversos estados brasileiros, face à efervescência do setor industrial marítimo do Porto de Rio Grande. Com essas ocupações, acrescenta-se à zona urbana do Cassino a condição de bairro-dormitório, que, por sua vez, durante o verão

⁴⁵ Considerando como princípio fundamental a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, os objetivos do curso, além de apontarem o compromisso com a produção do conhecimento, circundam a “complexidade na formação profissional” e a “reflexão sobre as práticas sociais vinculadas às culturas do movimento humano” (PPC, p. 10). Ao que pese a articulação da produção do conhecimento tanto ao que refere-se essa pesquisa, como sua imbricação aos objetivos do curso de Educação Física, soma-se como correlato, “a efetiva integração Universidade-Cidade”(PPC, p. 6).

potencializou as disputas por espaço à beira mar. Assim como os turistas/veranistas da microrregião da campanha do RS que trazem equipamentos para a realização da petista, da bocha, pergunto: que outras práticas estão em vias de surgir com essas migrações?

Outras questões cabíveis de serem investigadas estão ligadas às “disputas internas” entre os diferentes grupos ligados a uma prática específica, como, por exemplo, no *surf*, no qual existem disputas perceptíveis entre⁴⁶ aqueles que são “cassineiros” e os que vêm de Pelotas ou de outras cidades surfar no Cassino. Nessa esteira, em relação ao *Kite surf*, a própria distribuição na orla e a constituição de grupos que preferem o canto dos Molhes e outros que se situam mais próximos da zona do Terminal pode ser investigado, tomando, talvez, as próprias escolas⁴⁷ dessa prática como delimitadoras dos espaços.

Em relação às práticas ligadas à orla, outra discussão cabível de ser realizadas diz respeito às diferentes construções do tempo potencializadas naquele espaço. Ou seja, refiro-me aos mecanismos relacionados à direção do vento, à mudança da lua, à entrada de ondulações, imbricadas às práticas que na praia acontecem. Frente ao desvio de uma abordagem puramente cronológica, efetivada por aquelas variáveis, emergem pistas interessantes para pensarmos o que Giorgio Agamben chama de “contemporaneidade”, a qual além de um anacronismo, apresenta uma certa dissociação “em que sua atualidade inclui dentro de si uma pequena parte de seu fora” (2009, p. 68). Ou seja, um tempo, em que, assim como o espaço da orla analisado, torna possível estabelecer outras delimitações, acadêmicas por exemplo.

⁴⁶ Um olhar interessante a ser lançado a esse “entre” espaço a fim de escapar de uma naturalização das disputas a um polo dicotômico (“Cassineros” e os que “vem de fora”) referente ao surf, pode ter como foco os campeonatos que vem acontecendo no Cassino, tendo em vista as diferentes práticas que a eles estão sendo englobadas seja no mar ou fora dele (bodyboard, SUP, Longboard, Conscientização ambiental), isto é, que tipo de demarcação ocorre nas delimitações da área em que são realizados? Como essas delimitações repercutem aos olhos daqueles que frequentam o Cassino? Que enfoques acadêmicos podem emergir com essas delimitações? Uma pista interessante observada frente a essas questões diz respeito a não representatividade desses campeonatos a “todos” os praticantes do surf, tendo em vista por exemplo frases do tipo “free surf saia da área de competição”, propagada em microfones nos palanques dos juris daqueles campeonatos para os surfistas que não participam das competições locais o que, por sua vez força-me a indagar: como estabelecer delimitações ao espaço do mar?

⁴⁷ Refiro-me à Escola Viva Vento e a Escola Wind Place, as quais, além das aulas de *Kite surf*, também, oferecem aulas de SUP. Ambas as práticas, tomadas, ao menos nas estampas dos lugares que as divulgam, como prioritárias no seu trabalho.

Referências

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. Ás margens d'O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, D. VEIGA-NETO, A. SOUZA FILHO, A. (Org.) *Cartografias de Foucault*. – 2. ed. – Belo horizonte: Autêntica, 2011.

ALVARES, J. E PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Org.) *Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BURROUGHS, W. *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

DELEUZE, G. *Foucault*. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2005.

FOUCAULT, M. A poeira e a nuvem. In: *Ditos & escritos, vol IV – Estratégia, poder-saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. Não ao sexo rei. In: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.

_____. Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.

_____. O que são as Luzes. In: *Ditos & escritos, vol II – Arqueologia das Ciências humanas e História dos sistemas de pensamento*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. O que são as Luzes. In: *Ditos & escritos, vol VII – Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. Outros espaços. In: *Ditos & escritos, vol III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 2012.

HECKTHEUER, L.F. *Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande – RS*. (Doutorado em Educação em ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde – Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2012, 154f..

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: FONSECA, T. KIRST, P. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Org.) *Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KIRST, P. Redes do olhar. In: FONSECA, T. KIRST, P. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PORTOCARRERO, V. *As Ciências da vida: de Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.